

ALLIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • SETEMBRO DE 1994



A LIAHONA

SETEMBRO DE 1994



Na capa:

O Presidente Howard W. Hunter foi ordenado e designado como o décimo quarto Presidente da Igreja no dia 5 de junho de 1994. Elder James E. Faust, do Quórum dos Doze Apóstolos, narra momentos da vida de serviço e fé do profeta no artigo "Presidente Howard W. Hunter: 'O Caminho da Águia'" (Ver página 2). Fotografia da capa: Retratos, de Merrett. Fonte da citação: *A Liahona*, janeiro de 1990, página 20.

Capa de *A Liahona*:
Fotografia de Denise Kirby

DESTAQUES

PRESIDENTE HOWARD W. HUNTER: "O CAMINHO DA ÁGUIA" ÉLDER JAMES E. FAUST.....	2
NOSSO RETORNO À ATIVIDADE PLENA VICENTE MUÑOZ ULLOA	22
UMA CORTINA DE FERRO EM TORNO DE MEU CORAÇÃO URSULA FISCHER.....	24
A MÃO PROTETORA THEODORUS G. BAALMAN	30
DIÁRIO DE MEU INIMIGO STEPHEN G. BIDDULPH.....	32
ENCONTREI MEUS ANTEPASSADOS YARA CASSAB DELOROSO.....	44
A PROFESSORA PERFEITA WENDY EVANS UDY	46

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

DEPOIS DO TESTE, O TESTEMUNHO WILLIAM G. DYER	20
PERGUNTAS E RESPOSTAS: POR QUE NÃO POSSO EXPERIMENTAR FUMAR E BEBER SÓ UMA VEZ?	26
TEMPLOS E TESTEMUNHOS EM TIKAL MARVIN K. GARDNER	34
ÂNCORA PARA A ALMA ÉLDER M. RUSSELL BALLARD	40

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS	1
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: APRENDER COM AS ESCRITURAS: UMA OCUPAÇÃO PARA TODA A VIDA	25

SESSÃO INFANTIL

FICÇÃO: VENHAM, LHAMAS! VERNA TURPIN BORSKY.....	2
DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER DENNIS B. NEUENSCHWANDER	6
TEMPO DE COMPARTILHAR: PERDÔO VOCÊ JUDY EDWARDS	8
MÚSICA: GUARDA OS MANDAMENTOS BARBARA A. MCCONOCHIE.....	10
FICÇÃO: LOCAL SAGRADO JANE MCBRIDE CHOATE	12
EZRA TAFT BENSON KELLENE RICKS ADAMS.....	14
SÓ PARA DIVERTIR: CHEGUE AO TEMPLO CORLISS CLAYTON.....	16

SETEMBRO de 1994, Vol. 18, nº 9
A LIAHONA, 94989 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Howard W. Hunter,
Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quórum dos Doze: Gordon B. Hinckley,
Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight,
James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson,
Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin,
Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland

Editor: Rex D. Pinegar, Joe J. Christensen

Consultores: William R. Bradford, Spencer J. Condie,
John H. Groberg

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

International Magazines:

Editor Gerente: Marvin K. Gardner

Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Controlador: MaryAnn Martindale

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler,

Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Equipe de Subscrições:

Diretor de Circulação: Thomas L. Peterson

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

Gerente de Marketing: Kent H. Sorensen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)

Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato

Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
Caixa Postal 26023
05599-970 - São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: R\$ 7,80; para Portugal - Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples US\$ 5,00, aérea: US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: R\$ 0,65.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA - © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9,00 a year. \$1,00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

COMPANHEIRA DE BORDO

Sou engenheiro naval e trabalho em um navio cargueiro, por isso fico muito tempo longe da família e da ala, nas Filipinas. Estar em um navio significa viver constantemente cercado de desafiadoras tentações mundanas. Sou grato por meu testemunho do evangelho de Jesus Cristo ser uma defesa contra essas tentações.

Também sou grato a minha querida e devotada esposa e a meus dois filhos que sempre me enviam o *Tambuli* (inglês). Os artigos e discursos de conferência geral aumentam meu conhecimento do evangelho e fortalecem minha fé. Não importa onde o navio se encontre, a revista é meu elo com a Igreja.

Regino Penaranda

Ala 2 Muntinlupa

Estaca Las Pinas Filipinas

FORTALECE O TESTEMUNHO

Sempre fico impressionado com o conteúdo inspirado de *Der Stern* (alemão). A mensagem da Primeira Presidência, em especial, fortalece meu testemunho. Frequentemente sou tocado pelas experiências dos santos de outras partes do mundo, que servem de exemplo nos momentos difíceis da vida.

Espero nunca deixar de ler essa revista.

Volker Gebhard

Ala Kaufbeuren

Estaca Munique Alemanha

DE CAPA A CAPA

Fui o primeiro membro de minha família a ser batizado na Igreja, em abril de

1992. Crio minha filha sozinha e nem sempre foi fácil enfrentar a reação negativa das pessoas com respeito a minha conversão. Meu batismo, contudo, foi uma experiência gloriosa e nunca me arrependi dessa decisão. É maravilhoso ajudar minha filha de quatro anos a obter um testemunho.

Encontro força espiritual em uma revista maravilhosa, *Lys over Norge* (norueguês). Leio-a de capa a capa. Minha filha adora a Seção Infantil. Sempre que vamos à caixa do correio, ela pergunta se a revista das crianças chegou.

Empresto os exemplares a minha mãe e a minha irmã, que agora são membros da Igreja, e aos amigos não-membros; todos a apreciam muito. Também deixo cópias onde quer que vá—no consultório médico, nas balsas, etc.—para que outras pessoas a leiam.

Eldrid Helén Antonesen

Ramo 1 Bergen

Distrito de Stavanger Noruega

UMA CAUSA MUITO ESPECIAL

Já li muitos livros, revistas e jornais, mas nenhum deles me proporcionou tanta paz e alegria como a *Liahona* (espanhol).

Os artigos que falam dos sacrifícios dos membros da Igreja fazem-me pensar que, apesar das enormes distâncias que nos separam, há uma grande causa que nos une: o ardente desejo que todos temos de compartilhar o evangelho e trabalhar juntos nesta obra maravilhosa.

Juan Heredia

Ramo Pianttini

Estaca Santo Domingo Independencia República Dominicana

PRESIDENTE HOWARD W. HUNTER

"O CAMINHO DA ÁGUIA"

Aos quinze anos, Howard W. Hunter tornou-se o segundo *Eagle Scout* (Escoteiro Águia) de Idaho, *abaixo*. Desde então, subiu a maiores alturas no serviço e na fé como uma testemunha especial de Jesus Cristo.



O Presidente Hunter é um dos homens mais amorosos e cristãos que já conhecemos. Sua profundidade espiritual é tão grande que se tornou imensurável. Tendo estado sob a influência orientadora do Senhor Jesus Cristo, como Sua testemunha especial durante tantos anos, a espiritualidade do Presidente Hunter foi aguçada de maneira notável. É o manancial de todo o seu ser. Ele é tranqüilo a respeito de coisas sagradas, humilde a respeito de coisas sagradas, cuidadoso quando fala de coisas sagradas. Tem uma paz interior, uma tranqüilidade, uma nobreza de alma que é rara entre os filhos de Deus. Seu imenso sofrimento em tantas ocasiões foi o "fogo do refinador", permitindo-lhe tornar-se um vaso puro e profeta de Deus na Terra neste dia e época.

By **Élder James E. Faust**
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Em seu primeiro pronunciamento à imprensa, como décimo quarto Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o Presidente Howard William Hunter disse, entre outras coisas:

"Derramei muitas lágrimas e dirigi-me ao Pai Celestial em sincera oração, com o desejo de estar à altura do grande e sagrado chamado que recebi.

Nestes últimos dias, tenho sido grandemente fortalecido pelo firme testemunho de que esta obra é de Deus e não de homens, de que Jesus Cristo é o dirigente autorizado e vivo desta Igreja e de que Ele a conduz tanto por palavras quanto por ações. Dedico minha vida, minhas forças e toda minha alma ao propósito de servi-Lo plenamente. (...)

Desejo estender meu amor aos membros da Igreja de todos os países do mundo e a todas as pessoas de todos os lugares. (...) Oro para que nos tratemos uns aos outros com mais bondade, cortesia, humildade, paciência e perdão. (...)





Howard era uma criança alegre e feliz. É aqui retratado com oito meses, cerca de um ano e dois anos de idade.

Exorto os membros da Igreja a fazerem do templo do Senhor o grande símbolo de sua vida e o local supremo de seus mais sagrados convênios. O meu mais profundo desejo é que todos os membros da Igreja se tornem dignos de entrar no templo. Espero que todo membro adulto seja digno e possua uma recomendação atualizada para o templo, mesmo que a distância não lhe permita usá-la sempre.”¹

Em seguida, os dois conselheiros expressaram brevemente seus sentimentos. O Primeiro Conselheiro, Presidente Gordon B. Hinckley, disse: “Obrigado, Presidente Hunter. É uma honra trabalhar em qualquer posição nesta Igreja, e será uma honra e um privilégio trabalhar com o Presidente Hunter, com quem convivi nos últimos trinta e três anos. Ele é um homem de grande capacidade, de maneiras gentis e bondosas e totalmente devotado ao trabalho do Senhor. Há muito o que fazer para levarmos esta obra a todo o mundo e daremos o melhor de nós ao trabalharmos com este nosso amado líder”.

O Segundo Conselheiro, Presidente Thomas S. Monson, disse: “Estou entusiasmado com a oportunidade de servir com o senhor

na Presidência, como Segundo Conselheiro. Temos sido muito próximos nos mais de trinta anos que faço parte dos Doze. Gostaria que todos soubessem que o senhor é um homem de talento, um homem de grande compaixão e um líder que se importa com o faminto e o desabrigado; e, seguindo o Espírito do Mestre, seu grande desejo sempre foi o de elevar as pessoas até Ele. Deus o abençoe em seu ministério”.

Tentar descrever o charmoso, carismático, excepcionalmente talentoso Presidente Hunter é mais ou menos como tentar captar “o caminho da águia no céu”.² As palavras a seguir são uma tentativa de mostrá-lo abrindo suas asas durante um período de vida de oitenta e seis anos.

Quando jovem, aos vinte e dois anos, Howard recebeu a bênção patriarcal. Nela foi-lhe dito que ele era “alguém conhecido pelo Senhor anteriormente”, que demonstrara “forte liderança entre as hostes do céu”, e que fora ordenado “para realizar uma importante obra na mortalidade, fazendo cumprir os propósitos (do Senhor) com relação ao Seu povo escolhido.” Foi-lhe prometido, com base em sua fidelidade, que ele seria abençoado com “inteligência

do alto” e que se tornaria “um mestre de aptidões terrenas e um professor da sabedoria terrena, assim como um sacerdote do Deus Altíssimo”. Foi-lhe dito também que usaria seus talentos no serviço da Igreja, que participaria de seus conselhos e que seria conhecido por sua sabedoria e julgamentos justos.³ A bênção de Howard Hunter lembra a palavra do Senhor ao profeta Jeremias: “Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saíesses da madre te santifiquei: às nações te dei por profeta”.⁴

Os antepassados do Presidente Hunter foram pessoas fiéis da Escócia, da Escandinávia e dos Estados Unidos. John Hunter, seu bisavô, morava em Paisley, Escócia, onde fabricava tecidos; imigrou para os Estados Unidos, veio para a Cidade do Lago Salgado e começou um negócio de frete. Nancy Hatch, bisavó do Presidente Hunter, escreveu certa vez em seu diário: “Fui ouvir o pregador mórmon (Joseph Smith) com grandes reservas, esperando não ser enganada. O tema foi a segunda vinda de Cristo. Recebi o testemunho de que falava a verdade e de que Joseph Smith era um profeta verdadeiro, chamado e ordenado por Deus, a fim de realizar uma



Howard gostou de crescer em Boise, Idaho, com a irmã mais nova e também confidente, Dorothy, *acima*.

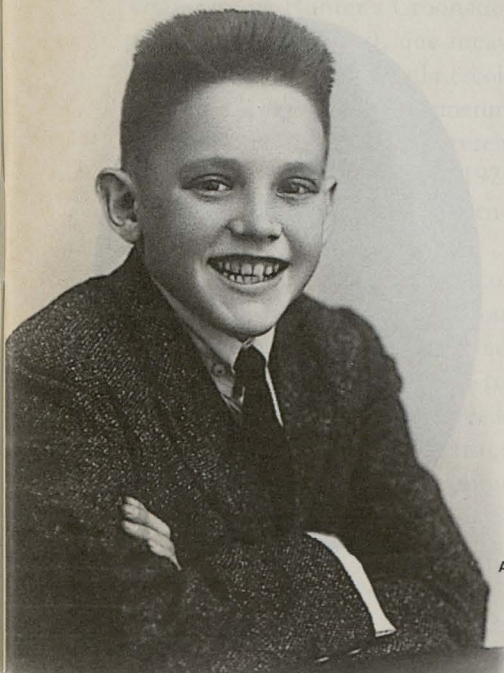
Dorothy disse que o irmão (*abaixo*, com cerca de doze anos) era um pacificador.

grande obra, pois revelara a verdade como fora ensinada por Jesus Cristo e seus apóstolos. Pedi para ser batizada”.⁵

Em 1904, Nellie Marie Rasmussen, que se tornaria a mãe do Presidente Hunter, foi de Mt. Pleasant, no Estado de Utah, onde morava, para Boise, no Estado de Idaho, visitar uma tia. Lá conheceu John William Hunter. Namoraram durante dois anos, mas como ele não era membro da Igreja na época e Nellie não desejava casar-se fora da Igreja, ela voltou para Mt. Pleasant. John, porém, persistiu e casaram-se em 3 de dezembro de 1906. O casal mudou-se para Boise, onde alugaram uma casinha na Rua Sherman. Howard William Hunter nasceu em Boise, em 14 de novembro de 1907, e sua irmã, Dorothy, nasceu dois anos depois.

A irmã, Dorothy Hunter Rasmussen, falecida recentemente,

contava o seguinte incidente, acontecido quando eram crianças: “Howard sempre queria fazer o bem e ser bom. Era um irmão maravilhoso e cuidava de mim. Era bom para nossa mãe e nosso pai. Howard gostava muito de animais e sempre levava animaizinhos perdidos para casa”. Havia uma vala de irrigação perto da casa deles e, certo dia, meninos da vizinhança, que não eram membros da Igreja, estavam jogando um gatinho na vala. O gatinho saía e eles jogavam-no novamente. Fizeram isso várias vezes, até se cansarem da brincadeira. “Howard aproximou-se e pegou o gatinho; ele estava quase morto e Howard levou-o para casa. Nossa mãe temia que o gatinho estivesse morto, mas enrolaram-no em um cobertor, colocaram-no perto do forno quente e cuidaram dele”. O animalzinho sobreviveu e ficou com





eles vários anos. “Ele era muito bom”, disse Dorothy, “Nunca soube que meu irmão tivesse feito alguma coisa errada”.⁶

Dorothy comentou que ele era muito gentil com as pessoas mais velhas e preocupava-se com suas necessidades. Ela disse: “Quando éramos pequenos, íamos todas as noites buscar leite bem longe de nossa casa, com pessoas que possuíam algumas vacas. Carregávamos o leite em sacolas de lona com capacidade para três litros. Havia uma viúva na vizinhança e sempre levávamos um pouco de leite para ela”.⁷

Dorothy e Howard eram muito unidos. “Éramos só nós dois”, escreveu Dorothy. “Ele sempre foi tão bom para mim—um daqueles superirmãos. Morávamos perto do Rio Boise e precisávamos atravessar os pastos e cercas de arame farpado. Um dia eu estava muito zangada e

minha mãe perguntou: ‘O que aconteceu?’ Eu disse: ‘Ele segurou o arame farpado mais tempo para Beatrice do que para mim’.”⁸

“Howard sempre estava fazendo alguma coisa. Sempre tinha um emprego. Vendia jornais, fazia todo tipo de coisa, ganhou até um xilofone. Nossa casa tinha uma grande sala de visitas e Howard colocava todos os seus instrumentos contra uma das paredes—ele era perfeitamente afinado. Trabalhava na escola de artes, antes de seu horário escolar, e aprendeu a emoldurar quadros.”⁹ Outra coisa que fazia na infância era pegar despertadores que haviam sido jogados fora, desmontá-los, consertá-los e lubrificá-los, fazendo-os funcionar novamente. Depois vendia os despertadores por uma ninharia.

Um trabalho que Howard tentou foi escolher limões, separando os verdes dos amarelos. Essa foi uma das poucas tarefas para a qual não tinha

John e Nellie Hunter e seus dois filhos, Howard e Dorothy, saíram para passear no seu novo automóvel, *acima*, em 1919. Howard fez uma viagem muito mais longa para o Oriente em 1927, como líder da sua própria orquestra, *abaixo*.



aptidão—sendo daltônico, não percebia a diferença!

Embora fossem muito ligados, Howard e a irmã tinham temperamentos um pouco diferentes. Dorothy considerava-se um pouco difícil às vezes e, ocasionalmente, metia-se em dificuldades; mas afirmava que Howard era sempre gentil, refinado e um pacificador. E era tão educado que, mesmo quando criança, as mulheres comentavam: “Gostaria que meu filho fosse como ele”.

Enquanto estava na escola secundária, seu interesse por música continuou a aumentar, especialmente depois de ganhar um xilofone. Aos quinze anos organizou seu próprio conjunto, os Hunter's Crooners (Cantores do Hunter), que tocava em quase todos os bailes da escola, em Boise. Depois de sua formatura, ele e o grupo tocaram num cruzeiro para o Extremo Oriente, em 1927. Seu pai foi batizado mais ou menos nessa época.

Tendo ganho algum dinheiro com o conjunto, no navio, Howard comprou um Ford. Não era sofisticado nem novo e começou a dar-lhe trabalho no dia em que foi comprado, mas sendo excelente mecânico, Howard passou os dois dias seguintes consertando-o. Tornou-se o “Sr.



Howard conheceu Clara (Claire) May Jeffs em um baile na Igreja em 1928. Casaram-se no Templo de Lago Salgado em 10 de junho de 1931.

Conserta Tudo”, a partir de então. Na década de 80, quando estava na casa dos setenta anos, guiava um carro branco grande, que quase podia ser considerado uma antiguidade. Quando as peças se gastavam, não conseguia outras para substituí-las. O carro tinha grande valor sentimental e, então, ele próprio preparava as peças com equipamento caseiro.

Não muito tempo depois de voltar da Ásia, em 1927, Howard foi visitar Ned Redding, um amigo que morava no sul da Califórnia. Após sérias deliberações, decidiu ficar lá e procurar uma profissão. Conseguiu um emprego no Banco da Itália (mais tarde Banco da América), em 1928, e começou a estudar à noite.

Esse mesmo amigo, Ned Redding, apresentou Howard a uma amiga, num baile da Ala Wilshire, em 8 de

junho de 1928. O nome dela era “Clara (Claire) Jeffs”. Atraído por ela imediatamente, Howard perguntou a Claire: “Por que não sai comigo?” Ela disse: “Por que não me convida?” Logo começaram a namorar. Ficaram noivos no início de 1931 e casaram-se em 10 de junho daquele ano.

Após o noivado, Howard decidiu renunciar à música, profissionalmente, e estabeleceu novas metas para o casamento e a família. Desde essa época ele toca seus instrumentos apenas em reuniões de família.

A Depressão da década de 1930 agravou-se nos primeiros anos de seu casamento. A fim de ganhar dinheiro, Howard vendeu sabão de porta em porta, fez uma pesquisa de trânsito e pintou pontes para o pai de Claire, que tinha uma empresa de pintura industrial. Ele e Claire tornaram-se pais em 20 de março de 1934,



Em um verão, durante a Grande Depressão, Howard e Claire acamparam, à esquerda, enquanto Howard trabalhava como pintor de pontes. Uma sucessão de empregos finalmente o levou ao Direito Comercial e à diretoria de várias empresas. Seu grande amor sempre foi a família, à direita — Claire e os filhos John e Richard. O Presidente Hunter tem agora dezoito netos. Através dos anos, ele conservou o amor pela música, abaixo, tocando freqüentemente para a família e os amigos.

quando Howard William Hunter, Jr., nasceu. Mas naquele verão a tragédia atingiu o pequeno Billy, que teve úlcera no intestino e morreu após a cirurgia.

Naquele mesmo ano de 1934, Howard conseguiu um emprego em Los Angeles, no Distrito de Controle de Enchentes, ajudando os advogados a conseguir provas e preparar-se para julgamentos. Com o salário regular que recebia, voltou para a escola e, com base em sua experiência, decidiu estudar Direito. Nos anos seguintes trabalhou em tempo integral e freqüentou a universidade. Formou-se “cum laude” (com louvor) em junho de 1939, passou no exame da Ordem dos Advogados e, em janeiro de 1940, prestou juramento e recebeu licença para exercer advocacia na Califórnia. Daí em diante teve segurança econômica, pois sempre fora um exímio administrador de tudo com que o Senhor o abençoara. Homem de hábitos simples, é, contudo, extremamente generoso com seu tempo e talentos.

A “obra importante” mencionada em sua bênção patriarcal teve início em setembro de 1940, pouco depois

de começar a exercer a advocacia, quando foi chamado como bispo da Ala El Sereno, na Estaca Pasadena. Serviu nessa função até novembro de 1946. Necessitando de uma casa maior para a família que aumentava—seus dois filhos, John e Richard, já haviam nascido—mudou-se com a família para Arcadia, em 1948.

Em fevereiro de 1950, os Élderes Stephen L. Richards e Harold B. Lee foram designados para dividir a Estaca Pasadena e chamaram Howard W. Hunter como presidente da Estaca Pasadena. Ele não hesitou em aceitar o chamado. Fazendo meticulosamente um diário desde a juventude, escreveu seus sentimentos: “Entendi muito bem os comentários das Autoridades Gerais quando nos disseram que havíamos sido escolhidos devido à força de nossas esposas. Claire (. . .) sempre me apoiou e compreendeu durante o curso de Direito, enquanto servi como bispo e em todos os cargos que ocupei”.¹⁰

Enquanto serviu como presidente de estaca, participou da aquisição de um rancho de 503 acres para ser







O Presidente Hunter serviu em vários chamados na Igreja: bispo, presidente de um quórum de sumos sacerdotes, sumo conselheiro e presidente de estaca. Foi o encarregado de bem-estar da região Califórnia Sul e encarregado do comitê do Templo de Los Angeles. No dia 10 de outubro de 1959 ele foi chamado ao Apostolado. (À direita está o Quórum dos Doze Apóstolos como era constituído na segunda metade da década de sessenta.) Como Autoridade Geral, Élder Hunter cumpriu muitas designações, inclusive servindo como presidente do Centro de Cultura Polinésia, no Havaí, presidente da Sociedade Genealógica de Utah e historiador da Igreja, à esquerda. Suas responsabilidades como Autoridade Geral o têm levado a conhecer o mundo inteiro. Abaixo, Élder Hunter faz uma apresentação ao rei de Tonga, Taufa'ahau Tupou IV, em 1968.



usado como projeto de bem-estar. Também estudou a possibilidade de um programa de seminário bem cedo pela manhã, para os alunos da escola secundária, a ser implementado na Estaca Pasadena—um precursor do seminário diário, ainda realizado na Califórnia.

Equilibrando o trabalho na Igreja, o serviço cívico e a advocacia, Howard continuou a progredir em sua carreira. Como exemplo de sua cuidadosa atuação, há o caso em que representou um queixoso numa ação de indenização por danos a uma safra de tomates, causados pela vaporização de um produto químico num rancho vizinho, que se espalhou para o rancho da pessoa que movia a ação. Depois da excelente apresentação de Howard perante o tribunal, no segundo dia da argumentação, os doze advogados de defesa ofereceram um acordo substancial, aceito pelo cliente. Sua capacidade de pensar com precisão e lógica, juntamente com seu sentimento intuitivo de justiça, fizeram dele um fantástico advogado.

Certa vez, enquanto servia como presidente de estaca, Howard falou a

uma congregação de santos da Estaca Pasadena, durante uma excursão especial ao Templo do Arizona. Howard fazia quarenta e seis anos naquele dia e escreveu em seu diário: “Enquanto falava à congregação, meu pai e minha mãe entraram na capela, vestidos de branco. Não tinha idéia de que meu pai estava preparado para as bênçãos do templo, embora minha mãe esperasse isso havia muito tempo. Fiquei tão emocionado que não consegui continuar a falar. (. . .) Esse foi um aniversário do qual nunca me esquecerei, porque nesse dia eles receberam as investiduras e eu tive o privilégio de ser testemunha de seu selamento, após o qual fui selado a eles”.¹¹

Uma mudança enorme ocorreu na vida de Howard W. Hunter, em 9 de outubro de 1959. Ele e Claire haviam ido a Lago Salgado para assistir à Conferência Geral e Howard recebeu um bilhete dizendo que o Presidente David O. McKay desejava conversar com ele. O Presidente McKay deu-lhe esta informação: “Amanhã será apoiado como membro do Conselho dos

Doze".¹²

Depois que seu nome foi apresentado na conferência geral e ele foi apoiado, o Presidente Clark convidou-o a tomar lugar junto aos Doze. Ele recorda: "Meu coração bateu mais forte quando subi os degraus. Élder Hugh B. Brown mudou de lugar, cedendo seu lugar a mim, e eu tomei meu lugar como o décimo segundo membro do Quórum. Senti os olhos de todos sobre mim, assim como o peso do mundo em meus ombros. No decorrer da conferência senti-me constrangido e fiquei imaginando se um dia poderia sentir que aquele era o meu lugar".¹³

O chamado chegou, naturalmente, como uma grande surpresa e ocasionou grandes mudanças na vida de Élder Hunter e da esposa, Claire. Depois de vinte e cinco anos em Los Angeles, deixaram os colegas de trabalho, os membros da Igreja e os amigos queridos da Califórnia. Mas a decisão em si foi fácil, porque Élder

Hunter estabelecera, muito tempo antes, sua hierarquia de valores, na qual baseava todas as decisões pessoais, profissionais e espirituais. Servir a Deus era a primeira coisa em sua lista de prioridades.

Os anos de apostolado foram fascinantes e inspiradores. Ele disse que a aptidão e a capacidade de servir de maneira útil foram grandemente influenciadas pelo estudo e prática da lei. Em seus discursos de conferência e em outros discursos, frequentemente emprega silogismos, o que aprendeu a fazer como advogado—e as conclusões desse raciocínio sempre consistem em importantes princípios do evangelho.

Um homem excepcionalmente modesto, Presidente Hunter nunca apreciou ser o centro das atenções. "Despretensioso e humilde, (ele é) uma pessoa que pensa primeiro no conforto dos outros. Prefere ser aceito como parte do grupo a receber tratamento especial. (...)

Howard Hunter é descrito por seus colegas como um homem sensato e de sabedoria sem alarde. Raramente fala sobre si mesmo e suas realizações ou sobre seus sentimentos pessoais. Preocupa-se mais com as realizações, sentimentos e conforto dos outros. (...)

Os Doze e aqueles que trabalham com eles descobriram que Élder Hunter pesa as questões cuidadosamente antes de começar a dar opiniões, conclusões ou soluções, sem dúvida por causa de seu treinamento como advogado. Ele ouviu atentamente quando outras pessoas expressam opiniões e sentimentos. Se não for alcançado um consenso ou se alguém do grupo ainda tiver fortes sentimentos a respeito de um assunto, ele continua a conversar em vez de forçar uma votação."¹⁴

Seu colega, Élder Neal A. Maxwell, disse a respeito dele: "O Presidente Howard W. Hunter é um homem manso. Certa vez recusou



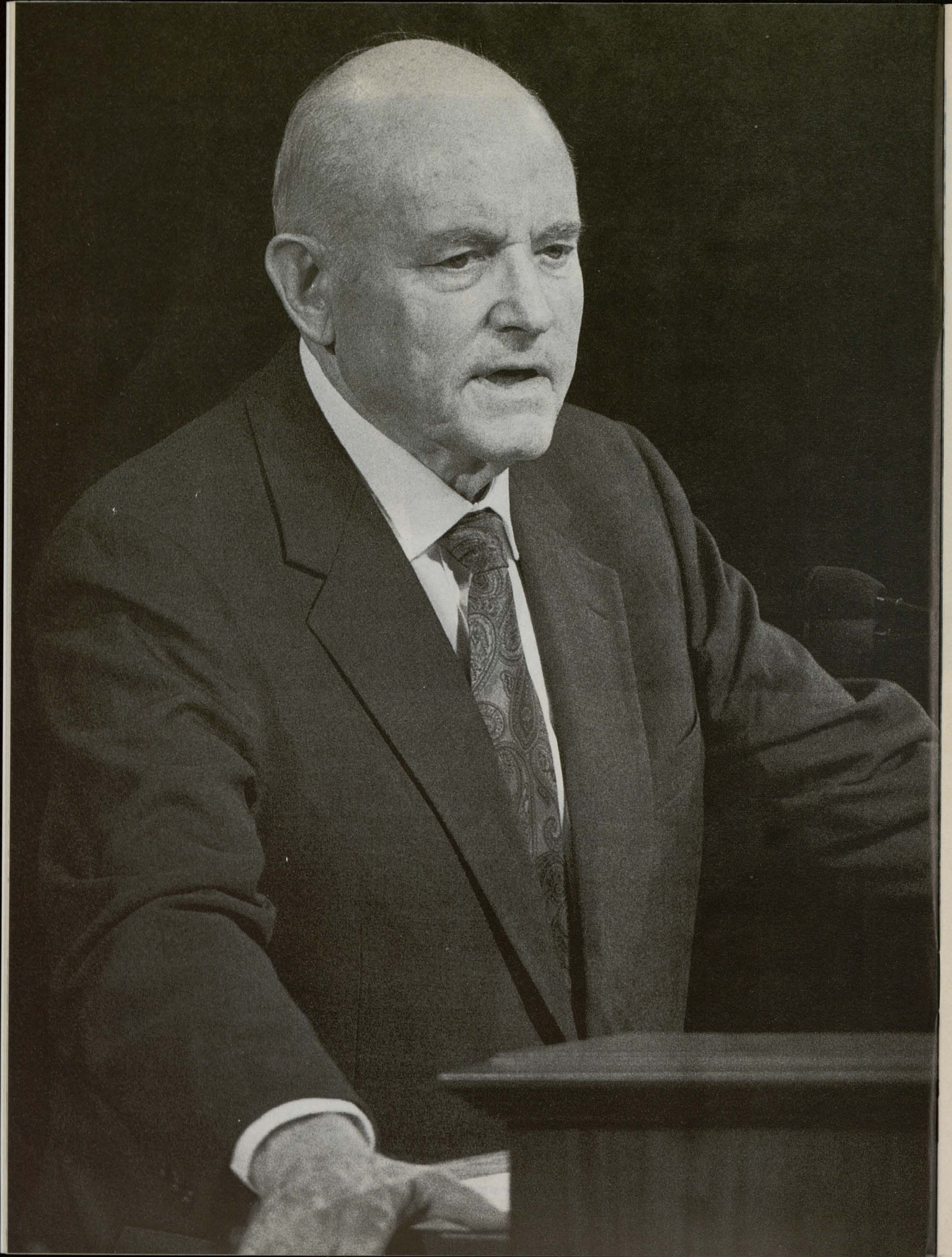
Como encarregado da junta consultiva da Fundação Arqueológica do Novo Mundo, Élder Hunter viajou para sítios arqueológicos na Guatemala e México, inclusive Chichén Itzá, à esquerda. Élder Hunter supervisionou a construção do campus da BYU em Jerusalém. Acima, à direita, ele inspeciona o terreno com Élder Mark E. Petersen, em 1983. À direita, Presidente Hunter aguarda a chegada do Prefeito de Jerusalém, Teddy Kollek, para a dedicação do Centro Jerusalém em 1989.



um emprego de que necessitava, quando jovem, porque significaria fazer outra pessoa perder o seu emprego. É o mesmo homem humilde que, quando acordei após um dia cansativo e poeirento numa designação no Egito, junto com ele, estava silenciosamente engraxando meus sapatos, tarefa que ele pretendia terminar sem ser visto. A mansidão pode estar presente nas coisas comuns do dia-a-dia".¹⁵

O trabalho como membro dos Doze incluía designações para comitês, na sede da Igreja, e designações para visitar estacas e missões em todo o mundo. Contudo, um

horizonte totalmente diferente abriu-se para ele com sua designação como presidente da Fundação Arqueológica Novo Mundo. Embora com sede na Universidade Brigham Young, esta organização profissional de pesquisas estava envolvida em trabalho arqueológico no sul do México e no norte da América Central. Sua meta era procurar lugares ligados aos descendentes de Lehi, Alguns desses locais eram muito primitivos e sua designação literalmente o levou para a selva. Élder Hunter aprendeu a sobreviver em tais condições, comendo ovos cozidos e bananas.



Os deveres e a posição que o Presidente Hunter exerce na Igreja não o tornam imune à adversidade e à tristeza. A longa doença e a morte da sua esposa Claire em 1983—e os seus sérios problemas de saúde—ajudaram a refinar a sua paixão e fé. Apesar de todas as tribulações, ele magnificou as suas responsabilidades como Apóstolo, esquerda, e apreciou o apoio das Autoridades Gerais. Por muitos anos sentou-se ao lado do Élder Boyd K. Packer, do Quórum dos Doze Apóstolos, à direita. Em abril de 1990 casou-se com Inis Bernice Egan, abaixo, no Templo de Lago Salgado.



O Presidente Hunter sempre teve grande amor pela Terra Santa. A Primeira Presidência encarregou-o de dois projetos especiais em Israel. Um era para trabalhar com o Élder LeGrand Richards na arrecadação de fundos para a construção do Orson Hyde Memorial Gardens (Jardins do Memorial Orson Hyde), que foi dedicado em 1979. O outro era negociar um terreno para um centro para o programa da Universidade Brigham Young de estudos no exterior, que fora iniciado dez anos antes. Os terrenos de Jerusalém eram muito caros e, quando finalmente foi encontrado o terreno ideal e obtido o arrendamento, o representante do governo encarregado de receber o pagamento, comentou: “É muito dinheiro”. Joseph Kokia, o ilustre advogado israelita da Igreja, respondeu: “Sim, é muito dinheiro, mas minha família vive em Jerusalém há quinze gerações e essa propriedade não tem preço”. Nesse terreno espe-

cial foi construído o Centro Jerusalém para Estudos do Oriente Próximo, a despeito de grande oposição. O relacionamento pessoal do Presidente Hunter com o Prefeito Teddy Kollek e outros líderes contribuiu grandemente para tornar possível a construção do centro. O Presidente Hunter dedicou o Centro Jerusalém em 16 de maio de 1989.

Em 1983 sua amada esposa, Clara Jeffs Hunter, faleceu. Ela tivera um grave derrame cerebral anos antes e ficara muito debilitada. O Presidente Hunter cuidou dela com amor, respeito e uma devoção incomum durante muitos anos, sem qualquer preocupação com a própria saúde. Mas havia uma recompensa, pois depauperada como estava, Claire sorria e reagia somente a ele. A ternura tão evidente na comunicação entre eles cortava o coração. Nunca havíamos visto tal exemplo de devoção de um marido para com sua mulher. O amor deles tinha muitas facetas. Amor é serviço.



Durante os anos seguintes, Presidente Hunter teve vários problemas de saúde. Quando lhe era difícil caminhar ou mesmo ficar em pé, ele surpreendia a congregação, na conferência geral dirigindo-se a eles de uma cadeira de rodas. Seu senso de humor gentil brilha através das primeiras frases: "Perdoai-me por permanecer sentado enquanto vos dirijo estas palavras. Não é por vontade própria que vos falo de uma cadeira de rodas. Vejo que pareceis apreciar a conferência, mesmo sentados, e por isso vou seguir o vosso exemplo".¹⁶

Em dezembro de 1988, depois de pedir a fé e as orações dos santos, ele conseguiu caminhar até a sala do conselho, no templo, onde as Autoridades Gerais estavam reunidas. Em abril de 1988, com o auxílio de um andador, ficou de pé junto ao púlpito para transmitir sua mensagem na conferência. No meio da tarefa perdeu o equilíbrio e caiu de costas. O Presidente Monson, Élder Packer e um guarda da segurança rapidamente o levantaram e ele continuou seu discurso como se nada tivesse acontecido. Ao final da sessão da conferência, com seu senso de humor intato, disse: "Pousei nas flores!"

Em uma reunião semanal no tem-

plo, numa quinta-feira, 12 de abril de 1990, após todos os itens da agenda terem sido tratados, Presidente Hunter perguntou: "Alguém tem alguma coisa que não conste da agenda?" Ninguém respondeu, então ele continuou: "Bem, se ninguém mais tem algo a dizer, gostaria de anunciar que me caso esta tarde!" Houve murmúrios de surpresa e ele explicou: "Inis é uma antiga conhecida da Califórnia. Venho visitando-a há algum tempo e decidimos casar-nos".

Essa foi uma grata surpresa para as Autoridades Gerais, que estavam preocupadas com a solidão do Presidente Hunter. E agora, felizmente, descobriam que ele teria uma companheira expansiva, calorosa, cordial e gentil. Desde o casamento, Inis tem sido incansável em sua preocupação pelo Presidente Hunter e em sua afeição por ele. Tem sido uma alegria para ele ter uma companheira de viagem e mostrar-lhe algo da dimensão do serviço da Igreja, com as muitas e variadas designações e responsabilidades que um homem da estatura do Presidente Hunter tem. Da parte dela, experimentou todas as alegrias e emoções de uma esposa de Autoridade Geral e aprendeu rapidamente a falar de improviso, pois é chamada constan-

temente para falar em reuniões da Igreja e reuniões de missionários. Sister Hunter continua a ser um conforto e uma alegria para ele.

O Presidente Hunter sempre foi um homem de grande decisão. Em 7 de novembro de 1993, ele estava no campus da Universidade Brigham Young e ia falar num serão de dezoito estacas e do Sistema Educacional da Igreja que ia ser irradiado. Quando ele se levantou para dirigir-se a aproximadamente vinte mil jovens adultos, reunidos no Marriott Center, um assaltante ameaçou-o, gritando: "Pare imediatamente!" O homem afirmou ter uma bomba e um detonador, e mandou que todos deixassem a tribuna, com exceção do Presidente Hunter. Muita gente saiu, mas o Presidente Hunter permaneceu resolutamente junto ao púlpito, com dois guardas de segurança. Embora ameaçado pelo que parecia ser uma arma, o Presidente Hunter recusou-se a ler a declaração escrita que o homem lhe entregou. Quando os alunos espontaneamente começaram a cantar "Damos Graças a Ti", o assaltante se distraiu por um momento. Um dos seguranças correu e prendeu-o. Outros seguranças abaixaram o Presidente Hunter até o chão, para protegê-lo.



Presidente Hunter tornou-se o Presidente em Exercício do Quórum dos Doze Apóstolos no dia 10 de novembro de 1985, e Presidente do Quórum em 2 de junho de 1988. Embora as novas responsabilidades significassem que viajaria menos, ele ainda participou de importantes atividades da Igreja, fora da Cidade do Lago Salgado. Acima, Presidente e irmã Hunter cumprimentam membros e missionários em uma conferência regional na África do Sul em 1991.

Houve, naturalmente, uma agitação considerável na audiência, mas uma calma razoável se estabeleceu. Depois de alguns momentos para recuperar-se, o Presidente Hunter aproximou-se pela segunda vez do microfone e leu a primeira frase de seu texto: "A vida tem um número considerável de desafios." Ele parou, olhou para a congregação e acrescentou: "Como demonstrado". Depois prosseguiu com a mensagem como se nada tivesse acontecido.

O Presidente Hunter tem uma presença incrivelmente serena, quando está ao púlpito, e uma dignidade tranqüila. Suas mensagens são sempre atenciosas, profundas, sensíveis e confortadoras. Por exemplo, num discurso proferido em outubro

de 1983, o Presidente Hunter consolou pais preocupados:

"Pais bem sucedidos são aqueles que amaram, sacrificaram-se, cuidaram, ensinaram e atenderam as necessidades de um filho. Se haveis feito tudo isto e vosso filho desviou-se, ou causa problemas ou é do mundo, pode bem ser que, apesar de tudo isso, sejais pais bem sucedidos."¹⁷

Aqueles que tiveram o privilégio de sentar-se aos seus pés, como dizem as escrituras, "maravilharam-se" com sua profunda sabedoria.¹⁸

O Presidente Boyd K. Packer, Presidente em exercício do Quórum dos Doze, disse o seguinte sobre o Presidente Hunter:

"Às vezes as pessoas me pergun-



tam sobre o verdadeiro Howard W. Hunter: 'Você que o conhece e que trabalhou tão perto dele todos esses anos, diga como ele realmente é'. A resposta a essa pergunta é candidamente simples: O Presidente Hunter é exatamente o que aparenta ser. Um homem quieto, sábio, sem complicações. É agradável trabalhar com ele e ele tem um vivo senso de humor. Poucos homens conhecem as doutrinas e procedimentos da Igreja como ele. Nunca evitou as decisões difíceis e é firme em suas convicções. Não vejo nele mistério algum. O verdadeiro Howard W. Hunter é exatamente o que aparenta ser."

E em 5 de junho de 1994, o nobre homem que conhecemos e amamos como Presidente do Quórum dos

Doze, foi chamado, apoiado e designado como Presidente da Igreja. Ele tem todas as qualidades necessárias para ser o porta-voz de Deus e o líder de toda a humanidade nesta grande era da existência da Terra. É um homem paciente, que confia no Senhor e dá ouvidos aos seus sussurros. É firme quando precisa ser firme, terno quando precisa ser terno. Tem um senso de humor rápido e uma risada atraente e sincera. Tem ótima memória e uma mente astuta. É um homem encantador, um marido, pai e avô amoroso—e é o tio predileto de todo mundo. É um homem bondoso, um bom ouvinte, realmente interessado nas necessidades alheias. Ele é um profeta do Senhor nesta década da atual dispensação.

Numa entrevista coletiva concedida no dia seguinte à sua ordenação e designação como o décimo quarto Presidente da Igreja, o Presidente Hunter estendeu o seu amor às "pessoas de todos os lugares" e pediu que "nos tratemos com mais bondade, cortesia, humildade, paciência e perdão." *Acima*, o Presidente Hunter fala aos repórteres juntamente com Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, (esquerda) e Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro.

Os que se preocupam com sua idade ou vigor físico podem ter certeza de que sua grande mente, coração e espírito estão intatos, maiores do que nunca. Todos nós podemos ser edificados pelas palavras de Orson Hyde:

“Quando um homem é ordenado e designado para liderar o povo, é porque enfrentou tribulações e aflições e provou ser digno, perante Deus e perante Seu povo, da posição que tem. (...) Uma pessoa que não foi testada, que não foi provada diante de Deus, diante de Seu povo e perante os conselhos do Altíssimo (...) não estará na posição de guiar a Igreja e o povo de Deus. (...) Alguém que compreenda o Espírito e os conselhos do Todo-Poderoso, que conheça a Igreja e seja por ela conhecido, é a pessoa que guiará a Igreja.”¹⁹

As escrituras nos lembram que “o dever do Presidente do Sumo Sacerdócio é presidir toda a Igreja e ser como Moisés (...); sim, para ser um vidente, revelador, tradutor e profeta, possuindo todos os dons de Deus que Ele confere sobre o cabeça da Igreja”.²⁰

As escrituras também nos ensinam que a “Presidência do Sumo Sacerdócio, segundo a ordem de Melquisedeque, tem o direito de

oficiar em todos os ofícios da Igreja”.²¹

Apoiado pelo Senhor e apoiado, como o será, pelos membros da Igreja, o Presidente Hunter, como sumo sacerdote do Senhor, nos guiará nestes últimos dias. Como disse o profeta Isaías: “Os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão”.²²

O Presidente Hunter é um dos homens mais amorosos e cristãos que já conhecemos. Sua profundidade espiritual é tão grande que se tornou imensurável. Tendo estado sob a influência orientadora do Senhor Jesus Cristo, como Sua testemunha especial durante tantos anos, a espiritualidade do Presidente Hunter foi aguçada de maneira notável. É o manancial de todo o seu ser. Ele é tranqüilo a respeito de coisas sagradas, humilde a respeito de coisas sagradas, cuidadoso quando fala de coisas sagradas. Tem uma paz interior, uma tranqüilidade, uma nobreza de alma que é rara entre os filhos de Deus. Seu imenso sofrimento em tantas ocasiões foi o “fogo do refinador”, permitindo-lhe tornar-se um vaso puro e profeta de Deus na Terra neste dia e época. □

NOTAS

1. Jay M. Todd, *Ensign*, Julho de 1994, pp. 4-5

2. Provérbios 30:19

3. Ver Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter* (Salt Lake City: Deseret Book Co., 1994), p. 71.

4. Jeremias 1:5

5. Richard Hunter, “Hunter”, esboço biográfico não publicado, escrito para um folheto introdutório ao Professorado de Howard W. Hunter na Escola de Direito J. Reuben Clark, Universidade Brigham Young, 1989.

6. Dorothy Rasmussen, conversa com o autor, 23 de out. de 1992.

7. *Ibid.*

8. *Ibid.*

9. *Ibid.*

10. Richard Hunter, “Hunter”.

11. Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, p. 135.

12. Richard Hunter, “Hunter”.

13. Eleanor Knowles, *Howard W. Hunter*, pp. 145-146.

14. *Ibid.*, pp. 176, 229-231.

15. Neal A. Maxwell, “Meek and Lowly” (Manso e Humilde), em *BYU 1986-87 Devotional and Fireside Speeches* (Discursos de Devocionais e Serões) (Provo: Brigham Young University, 1987) p. 61.

16. *Ensign*, Nov. 1987, p. 54.

17. *Ensign*, Nov. 1983, p. 65.

18. TJS, Mateus 8:9.

19. Em *Journal of Discourses*, 1:123.

20. D&C 107:91-92.

21. D&C 107:9.

22. Isaías 40:31.

DEPOIS DO TESTE, O TESTEMUNHO

William G. Dyer

Durante os anos de minha infância e juventude, não se dava muita importância à leitura das escrituras em nosso pequeno ramo e poucos jovens podiam dar-se ao luxo de possuir seus próprios exemplares. Tentei ler o Livro de Mórmon, mas nunca consegui passar de 1 Néfi. Sabia que teria que ler mais, algum dia, mas a motivação verdadeira só senti na missão.

Duas semanas após chegar ao campo missionário, meu companheiro comunicou-me que tínhamos uma palestra marcada com uma família. Eu era novo e disse-lhe que ele teria que fazer a apresentação e eu lhe daria apoio moral.

Naquela noite, reunimo-nos em um lar humilde com a família e amigos. Encontrei uma cadeira quase escondida, atrás de uma estufa. Meu companheiro deu a lição e eu fiquei contente com a clareza da mensagem e a aparente aceitação por parte do grupo. Deram-nos permissão de voltar na semana vindoura.

Ao chegarmos na semana seguinte, notei uma outra pessoa —um homem de terno. Apresentaram-no como sendo o ministro da família e declarou que gostaria de ouvir o que estávamos dizendo aos membros de sua congregação. Sua aparência me intimidava e rapida-

mente encontrei minha cadeira atrás da estufa.

Mais uma vez, meu companheiro deu início à palestra. O ministro, porém, interrompia-o freqüentemente e desafiava cada ponto apresentado por ele, tentando, por meio de outras escrituras, provar que estava errado. Não fui capaz de fazer contribuição alguma. Quando meu companheiro finalmente terminou, o ministro pôs-se de pé e condenou-nos, dizendo que estávamos pregando a doutrina do diabo e que devíamos voltar para Utah e pedir ao Senhor que nos perdoasse por enganar essas pessoas.

Fiquei perturbado e confuso. Naquela noite, dormi pouco mas tomei uma firme e clara decisão. Eu tinha que descobrir se estava ensinando a verdade—caso não estivesse, não poderia passar dois anos fazendo um trabalho no qual não acreditava.

No dia seguinte, comecei diligentemente a ler o Livro de Mórmon pela primeira vez. Lia diariamente, em todos os momentos possíveis. Pela primeira vez, fui além de 1 Néfi. Fiquei interessadíssimo na história, nas provações dos nefitas e nas guerras contra os laminitas. Aprendi a respeito de Jacó,

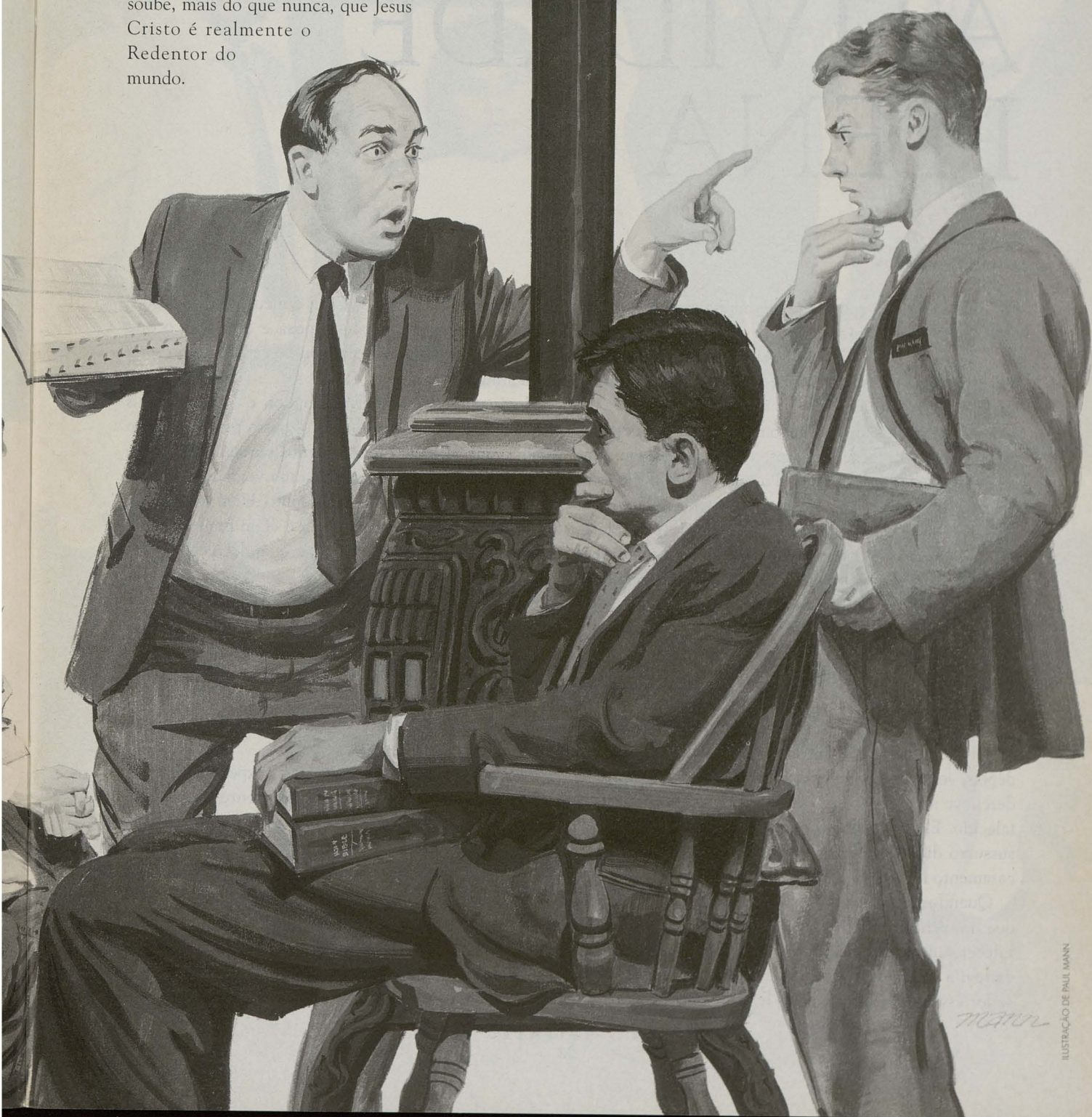
Enos, do rei Benjamim, de Amon, Alma, Mosiah e outros grandes profetas da primeira metade do livro.

Comecei, então, a ler a segunda parte do livro de Alma. Mergulhei no discurso de Alma a seu filho



Corianton. Li, a seguir, as considerações de Alma sobre o sacrifício expiatório. Jamais lera algo tão claro que me penetrasse a mente e o coração daquele modo. Era como se o espírito me abrisse a mente para assuntos que transcendiam meu entendimento. As leis de justiça e misericórdia tornaram-se claras e eu soube, mais do que nunca, que Jesus Cristo é realmente o Redentor do mundo.

Ao terminar a leitura do Livro de Mórmon, sabia que o evangelho de Jesus Cristo que estava pregando era verdadeiro e sentia orgulho em ser missionário do Senhor. O testemunho que ganhei por meio do Livro de Mórmon tem sido um sustentáculo em minha vida desde aí. □



NOSSO RETORNO À ATIVIDADE PLENA

Vicente Muñoz Ulloa

Houve uma época em que minha esposa, Ceci, e eu não íamos à Igreja com regularidade. Sentíamos falta da Igreja e finalmente decidi jejuar e orar para saber se o Pai Celestial nos permitiria voltar a Seu rebanho.

Pouco tempo depois, num momento em que eu estava fazendo minhas orações pessoais, a campanha soou. Era o presidente de nosso ramo, o Presidente Pinos. Ele fora convidar-me para ser um de seus conselheiros na presidência do ramo. Minha oração fora respondida e sabia que meu Pai Celestial ainda me amava como Seu filho. Tive um terno sentimento que só provém de Deus.

Foi o início de um belo ano cheio de bênçãos espirituais. Demos início ao instituto em nosso ramo, com o curso de Doutrina e Convênios. Ceci disse que me ajudaria se eu participasse. Alguns meses mais tarde, o professor saiu e pediram-me que o substituísse.

Uma de nossas lições foi a respeito de casamento no templo e obra vicária para os mortos. Algumas noites depois, sonhei que estava vendo meu tio, que morrera dezenove anos atrás, e meu padrasto, que também havia falecido. Eles pareciam desejar algo de mim. Ouvi um sussurro dizendo-me que deveria ir ao templo, que o casamento no templo é mandamento de Deus.

Quando acordei, ajoelhei-me e pedi ao Pai Celestial que nos permitisse ir ao templo. A seguir, desejando fortalecer minha intenção, peguei um pedaço de papel e escrevi a oração que acabara de oferecer: "Pai Celestial, se for esse o Teu desejo, peço-Te que me permitas ir ao

templo com minha esposa, Ceci, e meus filhos, Diego e Adrianita". Acordei minha esposa e disse-lhe o que havia feito. Ela chorou e abraçou-me. Sabia como seria difícil atingir essa meta.

Morávamos em Ambato, Equador, e o templo mais próximo ficava em Lima, no Peru, outro país. A viagem exigiria uma série de procedimentos burocráticos, trinta e seis horas em um ônibus e seria um verdadeiro sacrifício em termos financeiros. Seria muito difícil para nossos filhos, que nunca haviam viajado e eram muito irrequietos. Nossa decisão fortaleceu-se quando recebemos a bênção patriarcal.

No dia 20 de maio de 1987, minha esposa, minha filha, meu filho e eu finalmente vimos o templo. Havia a estátua do anjo Morôni em uma das torres, olhando para o céu. Que alegria sentimos quando recebemos as vestimentas e fomos selados a nossos filhos para a eternidade! A seguir, fizemos as ordenanças por nossos entes queridos.

Todas as vezes que pensamos nessa experiência, tenho o desejo de voltar ao templo novamente. Sou muito grato por termos tido a oportunidade de fazer os convênios eternos. Deus restaurou o evangelho, incluindo as ordenanças do templo, porque Ele nos ama. Eu sei que Ele vive. □

Vicente e Ceci Muñoz com seus filhos, Adrianita e Diego.





FOTOGRAFIA DE HARRY BOHLER

UMA CORTINA DE FERRO EM TORNO DE MEU CORAÇÃO

Ursulá Fischer

Nasci em Meissen, Alemanha, no ano de 1929. Meus pais eram pessoas simples. Meu pai ficou muitos anos desempregado e minha mãe trabalhava em uma fábrica. Quando a Segunda Guerra Mundial teve início, meu pai foi imediatamente convocado para o serviço militar e tornou-se prisioneiro de guerra em 1945. Eles não eram felizes no casamento e quando meu pai retornou da guerra em 1947, divorciaram-se. Meu mundo desmoronou.

Tinha dezoito anos quando meu pai saiu de nosso apartamento e foi morar sozinho. Fiquei morando com minha mãe, mas brigávamos muito. Gentileza, calor humano e compreensão eram sentimentos estranhos para mim e comecei a perder a fé na possibilidade de ter uma vida harmoniosa. Entreguei-me de corpo e alma ao trabalho, mas a vida não tinha significado algum. Com o passar dos

anos, uma cortina de ferro formou-se em torno de meu coração.

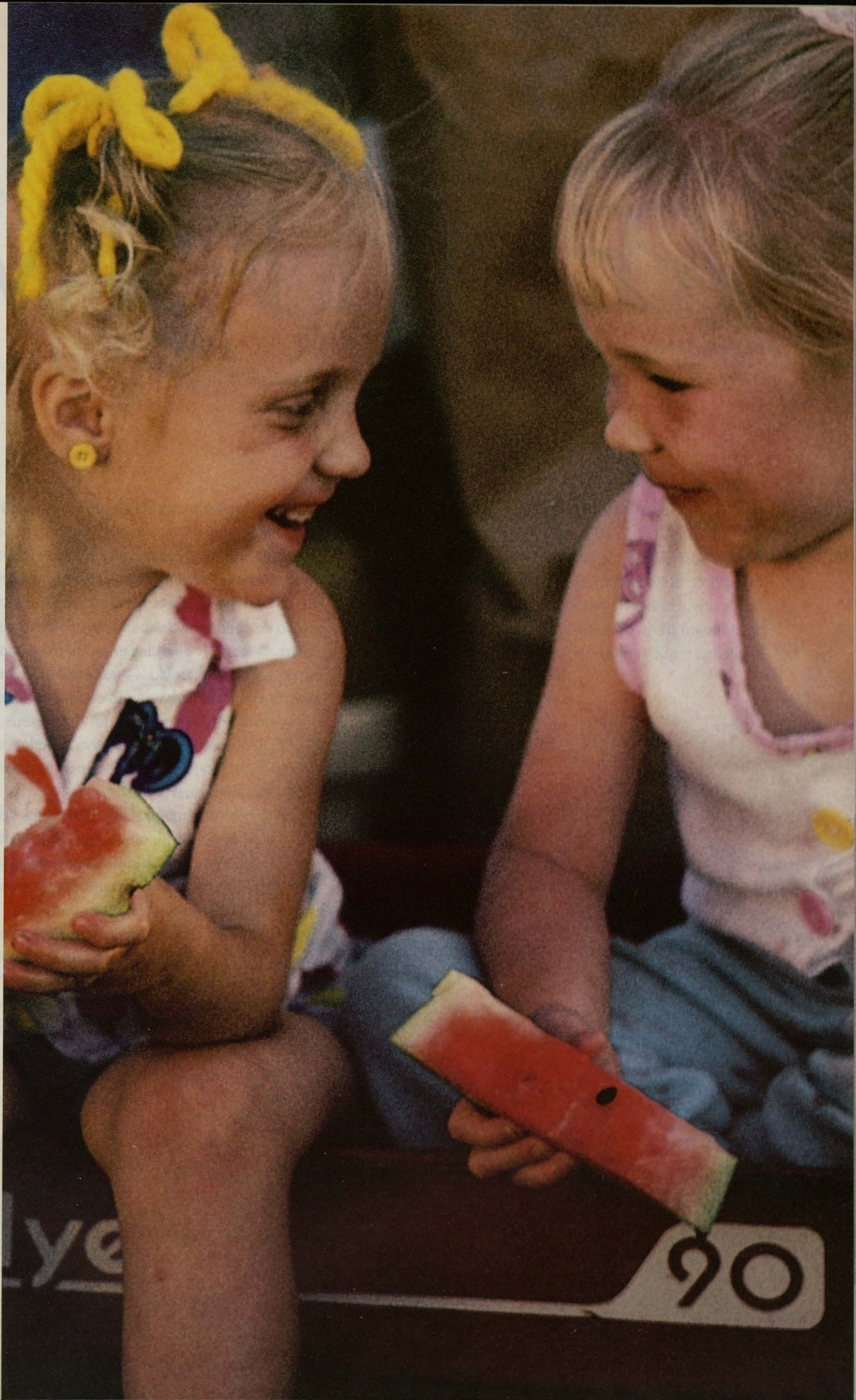
Quando minha mãe morreu, em 1991, o sofrimento emocional de minha infância voltou. Senti-me desamparada e, mais uma vez, era como se fosse uma criança perdida.

Dois meses mais tarde, os missionários encontraram-me. Eles falavam tranquilamente, com gentileza, calor humano e compreensão. O espírito que deles irradiava penetrou meu coração de ferro e, no dia 11 de novembro de 1991, fui batizada.

Desde aí, a paz entrou em meu coração. Apreendi a orar, a preencher minha mente com as escrituras e a viver de acordo com a Palavra de Sabedoria. É claro que ainda tenho muito que aprender, mas fá-lo-ei com prazer, porque sei que nosso Pai Celestial está comigo todos os dias, auxiliando-me e guiando-me. Finalmente, encontrei a paz. □

SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • SETEMBRO DE 1994



VENHAM,

Verna Turpin Borsky

Era uma madrugada cinzenta. Pacha, um menino das montanhas do Peru, saiu da choupana de palha e foi ao local onde os lhamas dormiam. Assobiou baixinho e disse docemente: “Venham, lhamas!”

Os seis animais de pescoço comprido e corpo coberto de lã levantaram-se vagarosamente, enquanto Pacha explicava o que fariam naquele dia: “Quando o sol

aparecer, desceremos a montanha com Papá e iremos à feira, no vale.”

Os lhamas não fizeram ruído algum, mas Pacha tinha certeza de que haviam entendido. Enquanto saíam em fila do curral cercado de pedras, ele esfregava o pêlo grosso de cada um, chamando-os pelo nome: “Ocle . . . Astro . . . Yana . . .” Todos eram marrons, com pequenas partes branco-amareladas—exceto Nubi, o menor e mais novo. Nubi tinha o pêlo completamente preto.

Pacha amava todos. Eram seus amigos e companheiros. Ficava difícil, porém, não desejar um deles só para si. Era o que ele mais queria.

Um menino que vivia mais acima na montanha tinha um lhama. Ele o ganhara no dia em que conseguiu levar todos os lhamas do pai de volta para casa em segurança, após um perigoso deslizamento de terra.

Desde que soube disso, Pacha pensava muito no que poderia fazer—algo necessário e importante—para merecer um lhama. “Eu escolheria *você*”, sussurrou ao ouvido aveludado de Nubi, o último a sair do curral. E Nubi esfregou delicadamente a cabecinha no ombro de Pacha.

Do lado de fora, os lhamas



LHAMAS!

formaram um círculo, com a cabeça voltada para o centro, aguardando pacientemente a carga que lhes seria amarrada no dorso. Primeiramente, Pacha e o pai juntaram e amarraram os pêlos longos e ásperos do dorso dos animais, formando um acolchoado macio onde seria colocada a carga que, naquele dia, seria mais leve. Em vez do habitual milho seco e da batata dura da montanha, os cestos estariam cheios de lã de lhama.

“É lã boa. Podemos trocá-la por muitas coisas de que precisamos”, disse o pai ao amarrar o último fardo. Só Nubi não tinha carga. Era muito pequeno ainda.

O homem e o menino olharam para o leste, esperando o sol nascer. O vento estava forte e frio! Tremendo dentro do poncho azul e vermelho, Pacha puxou o gorro sobre as orelhas.

Finalmente, um brilho cor-de-rosa surgiu atrás do pico de neve mais longínquo. “Está na hora”, disse Papá.

Pacha assobiou baixinho e disse docemente: “Venham, lhamas.”

Ocli fora escolhido para ser o líder, pois sabia encontrar o melhor caminho. O sino dourado em seu pescoço tilintava. A descida da montanha era cheia de pedras e desniveis, mas os lhamas, com os cascos almofadados, nunca tropeçavam. Pacha caminhava logo atrás de

Nubi, o último da fila. Papá vinha depois.

À medida que desciam para o vale, o ar ficava mais quente. Viam-se flores silvestres roxas, amarelas e vermelhas. Logo avistaram os telhados vermelhos da cidadezinha que ficava no vale e, em pouco tempo, já caminhavam por uma rua estreita e tortuosa. Ouviam-se os estalos das sandálias, bem como os dos cascos dos lhamas sobre o velho calçamento.

Um automóvel,





buzinando, tentou forçar passagem entre eles, mas os lhamas prosseguiram em perfeita ordem, de cabeça erguida. Até mesmo Nubi tinha um ar de pompa e dignidade, caminhando em direção à feira, no centro da cidadezinha.

Pacha inspirou fundo. “Hummm!” Que bom o cheiro de pão quentinho! “Hummm!” Que delícia quando o pai, sorrindo ante o desejo do filho, vendeu um pouco de lã e comprou um pão.

A parada seguinte foi na barraca de frutas, onde compraram grandes mamões amarelo-alaranjados.

Mais adiante compraram cana-de-açúcar, salgrosso, uma faca de pastor para tosquiá os lhamas e uma panela de barro.

Agora só havia tempo para comprar as roupas de que precisavam: calças brancas e gorros novos—um vermelho para Pacha e um branco para o pai.

“Levaremos o resto da lã para nosso amigo Don Jacinto”, disse Papá, “depois compraremos as roupas no mercado”. Desceram a rua até um edifício com arcos e pilares.

Depois de pegar tantos fardos de lã quantos poderia carregar, Papá entrou na loja dizendo: “Cuide dos lhamas, filho”.

Silenciosamente, os lhamas dobraram as pernas e deitaram-se para descansar. Pacha ia fazer o mesmo quando um menino, usando roupas da cidade, aproximou-se correndo e gritou: “Não ouviu? As corridas! Começam ali!” E apontou

para uma fonte próxima.

A primeira corrida era para crianças do tamanho deles, explicou rapidamente o menino, e logo começaria. Enquanto corria em direção à fonte, gritou: "O vencedor ganha um prêmio! Um excelente prêmio!"

O pensamento de Pacha rodopiava! Ele nunca participara de uma corrida, mas sabia que tinha pernas fortes de tanto subir montanhas. Vencer uma corrida e ganhar um prêmio seria algo muito importante. Aquela era a sua oportunidade!

Seu coração disparou de emoção. Começou a correr atrás do menino.

Então, subitamente, parou. Os lhamas! Eles não entenderiam por que estavam sozinhos. Poderia acontecer alguma coisa com eles. Acabou percebendo que não poderia participar da corrida. Sentiu um enorme nó na garganta. Começou a correr novamente, mas desta vez em direção aos lhamas.

Os seis animais olharam fixamente para ele com os olhos negros tristonhos, interrogativos. Pacha disse mansamente: "É claro que eu não os deixaria, lhamas."

Abaixou-se e envolveu Nubi, o lhama preto, nos braços. Abraçou e acariciou cada um dos outros. Mesmo no instante em que ouviu o estrondo anunciando o início da corrida, continuou com eles. Os lhamas, confortados, emitiram um som suave.

Um vozeirão de homem soou pelo ar: "Pacha, por que não está correndo com os outros?" Era Don Jacinto. Tinha saído do mercado com Papá.

Antes de Pacha responder, o pai falou: "Pacha ficou responsável pelos lhamas. Ele não os deixaria, nem mesmo por uma corrida." Para espanto de Pacha, Papá parecia muito feliz ao ver que o filho não estava

interessado em ganhar a corrida. O coração do menino recuperou o alento.

Don Jacinto virou-se para ver a lâ ainda no dorso dos lhamas. Nubi chamou-lhe a atenção. "Uma bela lâ preta!", exclamou. "Quando tosquiarmos este lhama, pagarei mais."

O pai de Pacha ficou em silêncio por algum tempo. Depois disse: "O lhama preto agora pertence a Pacha. A lâ será dele."

Naquele instante, Pacha nem pôde acreditar no que acabara de ouvir. Nubi era seu? Tinha agora seu próprio lhama?

Papá virou-se para Pacha e disse: "Nossos lhamas são muito úteis para nós. Por isso temos que cuidar muito bem deles, filho. Agora que sei que compreende isso, dou-lhe o Nubi."

Levou algum tempo para Pacha recuperar a voz. "Gracias, Papá. Oh, *gracias!*" Olhou para Don Jacinto e disse: "Quando tosquiarmos Nubi, trarei a lâ preta para o senhor."

Era hora de voltar para casa. O sol, agora quente, logo iria se pôr. O vento cortante começaria novamente. Precisavam chegar em casa antes que escurecesse. Pacha assobiou baixinho e disse docemente: "Venham, lhamas!"

O sino dourado de Ocli tilintou. Os cestos, agora com o que haviam comprado, balançavam levemente no dorso dos animais.

Pacha, caminhando perto de Nubi, pensava nos acontecimentos do dia. Fora um maravilhoso dia na feira e ele aprendera algo de que jamais se esqueceria: as pequenas ações podem ser tão importantes quanto as grandes. □

DE UM AMIGO PARA OUTRO

ELDER DENNIS

De uma entrevista com o Élder Dennis B. Neuenschwander, dos Setenta, por Janet Peterson.

Eu amava a Primária e tive muitas professoras maravilhosas que me ensinaram o evangelho. Uma, porém, foi muito especial para mim. A irmã Mary Stevenson ensinava na Primária da Ala LeGrand, na Cidade do Lago Salgado. Durante um verão, ela nos ensinou a tocar gaita. Ela disse que, no final do verão, tocaríamos para George Albert Smith, o Presidente da Igreja.

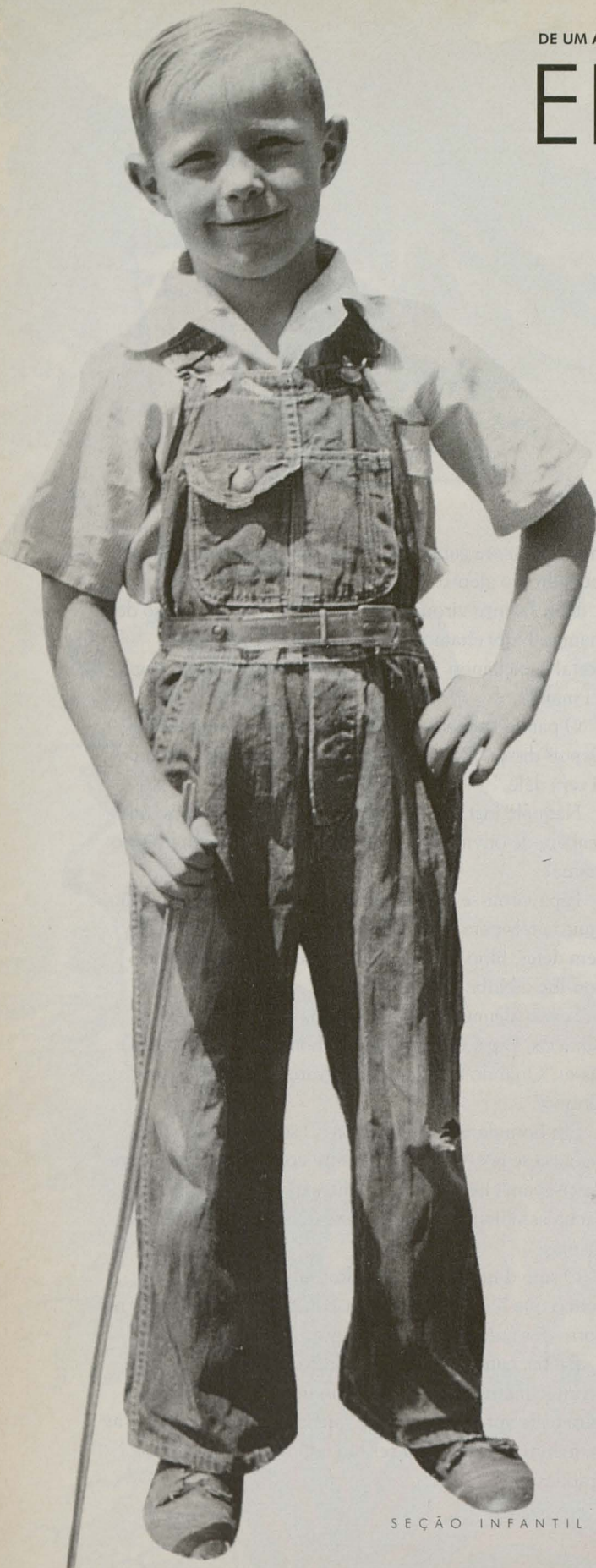
Trabalhamos com dedicação, e a tão importante noite finalmente chegou. Antes de partirmos para a casa do Presidente Smith, a irmã Stevenson disse que apertaríamos a mão de um profeta, que seria uma experiência especial da qual sempre nos lembraríamos. Que emoção estar tão perto de um profeta!

Para um menino pequeno como eu era, o Presidente Smith pareceu muito alto. Ele cumprimentou-nos com um sorriso amigável. Tocamos duas ou três de suas músicas favoritas em nossas gaitas. Quando terminamos, ele apertou a mão de cada um de nós e agradeceu a visita. A irmã Stevenson estava certa—eu nunca esqueci aquela experiência. Sempre serei grato a minha professora da Primária por aquela oportunidade.

Sou grato a todas as minhas professoras da Primária que também ensinaram muitas outras coisas que me influenciam. Entre elas estão as Regras de Fé e o amor pelo evangelho. Elas sabiam que suas lições me preparariam para ser um missionário e me ajudariam a ensinar o evangelho aos outros.

Pouco antes do meu vigésimo aniversário, fui chamado a cumprir missão na Finlândia, onde falei tanto o finlandês quanto o russo.

Gostei muito de ensinar o evangelho, especialmente em uma língua estrangeira. Conseqüentemente, quando



B. NEUENSCHWANDER

voltei para casa, continuei a estudar russo. Gostava da língua e queria ensiná-la. Também mantinha a esperança de um dia ensinar o evangelho em países onde os missionários ainda não eram autorizados a pregar.

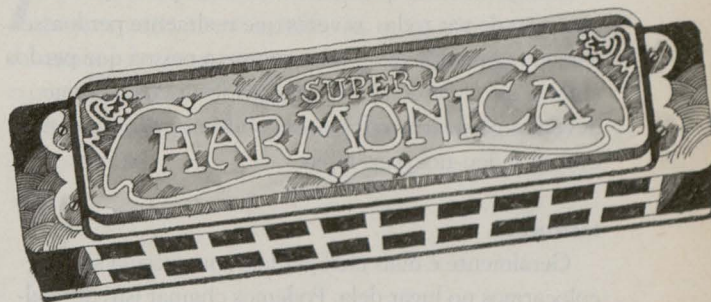
Após ter-me formado na universidade, trabalhei no Departamento de História da Família da Igreja e fui designado para os países da Europa Oriental. Sempre que viajava para a Polônia, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Hungria e outros países, eu sentia que não estava longe o tempo em que a Igreja poderia enviar-lhes missionários. Havia um sentimento especial entre as pessoas. Elas desejavam a liberdade que sabiam que outras pessoas no mundo desfrutavam. Cada vez mais podiam ver e ouvir sobre liberdade na televisão e no rádio. As pessoas estavam cansadas de não poderem resolver os próprios problemas e tornar-se o que queriam ser. Em muitos países, as pessoas também desejavam saber a respeito do Pai Celestial e de Jesus Cristo. Essas mudanças importantes no povo, e outras no governo, levaram à introdução do evangelho em seus países.

Em 1987, fui chamado como presidente da Missão Áustria Viena Leste, que foi criada para trabalhar com os países da Europa Oriental. A missão começou com poucos missionários e o número de batismos era pequeno. Agora, muitos missionários estão servindo em países como a Rússia, Bulgária, Polônia, Hungria e Grécia, onde as pessoas, há apenas alguns anos, não podiam adorar o Pai Celestial como desejavam. Muitas pessoas estão ouvindo os missionários e aceitando o evangelho de Jesus Cristo.

Enquanto estiverem na Primária, as professoras irão ensinar-lhes as Regras de Fé e o evangelho, exatamente como minhas professoras me ensinaram. É importante que aprendam bem. Quando forem missionários, ensinarão o evangelho a outros. Ensinarão as belas lições que aprenderam na Primária. Testificarão que Deus vive,



tem um corpo e fala com os homens, e que há profetas e apóstolos na Terra hoje. Essas verdades terão um impacto poderoso na vida daqueles que aceitarem o evangelho. Tenho visto muitas mudanças importantes acontecerem na vida das pessoas porque os missionários lhes levaram o evangelho. Espero que sejam missionários assim, também. □



PERDÔO VOCÊ

Judy Edwards



**“Sede uns para com os outros benignos, (. . .)
perdoando-vos uns aos outros.” (Efésios 4:32.)**

Já teve dificuldade em perdoar alguém que foi rude com você? Se a pessoa pede desculpas, é sempre bom dizer: “Está desculpada.” Mas se ela for rude novamente, o que deve fazer?

No Novo Testamento aprendemos que Pedro perguntou a Cristo algo parecido. Pedro queria saber quantas vezes deveria perdoar alguém que o ofendesse. Perguntou se seria suficiente perdoar sete vezes.

Jesus respondeu: “Não te digo que até sete, mas, até setenta vezes sete.” (Mateus 18:22.)

Aqueles que já aprenderam a multiplicar sabem que $70 \times 7 = 490$! Que número grande! Será que Jesus realmente quis dizer que Pedro deveria perdoar uma pessoa 490 vezes? Será que Pedro teria que levar consigo um bloco de papel para anotar todas as vezes que perdoasse, até chegar a esse número? O Élder James E. Talmage, um apóstolo moderno, explica-nos que Jesus quis dizer a Pedro—e a todos nós—que devemos estar *sempre* dispostos a perdoar. (Ver *Jesus o Cristo*, pág. 380.)

Por que é tão importante perdoar? Quando Jesus disse a Pedro que deveria perdoar setenta vezes sete, estava pensando apenas na pessoa perdoada ou também em Pedro? Se perdoasse os outros, Pedro sentiria paz?

Sim! Jesus sabia que Pedro seria abençoado com uma sensação de paz todas as vezes que realmente perdoasse alguém. O perdão faz com que tanto a pessoa que perdoa como a que é perdoada sintam paz. Jesus ensinou que devemos perdoar a todos e ser bondosos uns para com os outros. E deu-nos o exemplo.

Instruções

Geralmente é mais fácil perdoar uma pessoa se nos colocarmos no lugar dela. Podemos chamar isto de “cal-

çar os sapatos da outra pessoa”. Isso quer dizer que devemos imaginar o que sentiríamos se fôssemos a pessoa e procurar compreender por que ela fez ou disse aquilo que nos magoou ou ofendeu. Leia as situações da próxima página, encontre os sapatos correspondentes e ligue-os à situação a que se relacionam. Aí, “calce aqueles sapatos”, ou seja, coloque-se no lugar daquela pessoa e complete a frase com possíveis razões para ela ter agido daquele modo.

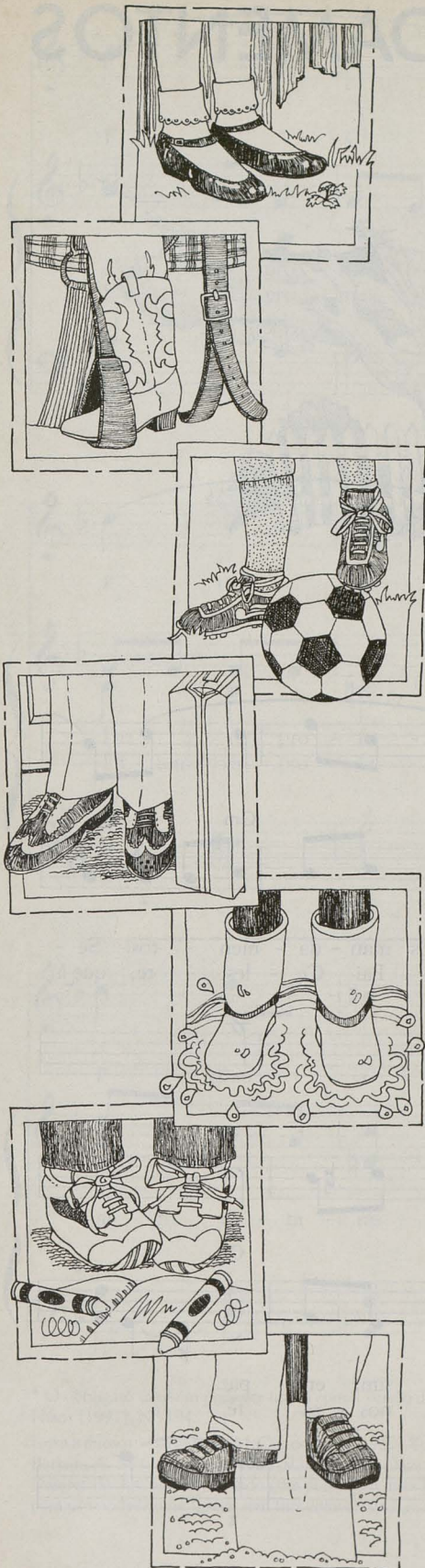
Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Escreva “Perdôo você” em sete cartões separados e esconda-os pela sala. Peça às crianças que os encontrem e os contem. Pergunte o que significam esses sete cartões. Conte a história de Pedro e Jesus. (Ver Mateus 18:21–22.)

2. Arranje vários pares de sapatos diferentes. Peça a cada classe que use um par de sapatos para contar uma história sobre o perdão, ou convide duas crianças para representarem cada história, calçando os sapatos uma da outra para que compreendam o ponto de vista uma da outra. Durante o debate, mostre um par de sandálias e uma figura de Jesus e explique que há momentos em que devemos perdoar, mesmo quando não compreendemos o motivo da ofensa ou quando a outra pessoa não se arrepende. Nesses momentos, precisamos receber ajuda do Pai Celestial para perdoar os outros como Jesus o faria.

3. Cante “Perdão” (Cante Comigo, B-35) e pergunte por que precisamos da ajuda do Pai Celestial para perdoarmos aqueles que nos ofendem, principalmente quando não sentimos vontade de perdoar.

4. Peça às crianças menores que façam um desenho para seu próprio Livro da Paz, onde elas estejam perdoando alguém. As crianças mais velhas podem escrever contando uma experiência pessoal em que tenham perdoado alguém. □



1 Débora foi ao quarto e viu o irmão de dois anos rabis-
cando a capa de seu livro predileto com giz de cera.
Acho que Débora poderia compreender seu irmão e
perdoá-lo porque _____

2 Marcos tinha acabado de chutar a bola para o gol
quando um jogador da outra equipe chegou correndo
e derrubou-o.
Acho que Marcos poderia compreender o outro
jogador e perdoá-lo porque _____

3 O pai de Elisa disse que não poderia cumprir a
promessa de ir assistir ao programa da escola aquela
noite porque tinha que trabalhar.
Acho que Elisa poderia compreender o pai e perdoá-
lo porque _____

4 Marcela pulou numa enorme poça e espirrou um
monte de água suja em Kléber.
Acho que Kléber poderia compreender Marcela e per-
doá-la porque _____

5 Ricardo queria andar a cavalo, mas seu irmão mais
velho não descia do cavalo para dar-lhe a vez.
Acho que Ricardo poderia compreender o irmão mais
velho e perdoá-lo porque _____

6 Raquel ficou aborrecida porque o irmão mais velho
não quis deixá-la ir trabalhar no campo com ele.
Acho que Raquel poderia compreender o irmão e per-
doá-lo porque _____

7 A irmãzinha de Joana, Maria, não queria ajudar a
pegar o cachorro da família que escapulira pela cerca
do quintal dos fundos no momento em que todos
estavam indo para a Igreja.
Acho que Joana poderia compreender Maria e per-
doá-la porque _____

GUARDA OS MANDAMENTOS



ILUSTRADO POR PHYLLIS LUCH

Suave ♩ = 46-63

(*Obbligato para flauta ou soprano-optional**)

F C7 F Gm

1. Guar - da os man - da - men - tos! Guar - da os man - da - men - tos! Se -
 2. So - mos os fi - lhos do Pai Ce - les - te, que à

gu - roes - ta - rás e em paz, sim, em paz.
 Ter - ra man - dou - nos pro - var nos - sa fé.

C F Dm G7 C7

F C7 F B^b (B^bm)

Deus te pro - me - te as ri - cas bên - çãos.
E nos pro - me - te bên - çãos e - ter - nas.

F (B^b) G7 F B^b (B^{dim})

Diz o pro - fe - ta: "Guar - da os man - da - men - tos. Se -
Di - zem os pro - fe - tas:

F (Dm) G7 C7 F (B^b) F

gu - ro es - ta - rás e em paz."

* O obbligato também pode ser usado com a versão deste hino impressa em Hinos (1991), N° 194.

Letra e música: Barbara A. McConochie, n. 1940. © 1975 SUD. Obbligato de Barbara A. McConochie © 1989 SUD. Arr. de Darwin Wolford © 1986, 1989 Deseret Book Company. Usado com permissão. Esta música pode ser copiada para uso no lar ou na Igreja, sem fins comerciais.

Mosiah 2:22
Doutrina e Convênios 59:23

LOCAL SAGRADO

Jane McBride Choate

Em pé no banquinho, Sara tentava não se mexer enquanto a mãe ajustava a bainha do vestido longo e branco. “Falta muito?”, perguntou à mãe.

Ajoelhada no chão, sua mãe olhou para cima, tirou dois alfinetes da boca e disse: “Só mais um minuto e a bainha estará pronta.”

“Por que usamos roupas brancas no templo?”, perguntou Sara.

“O templo é um local sagrado”, disse a mãe, prendendo o tecido com os alfinetes. “Por isso usamos roupas brancas quando estamos lá”.

“Mal posso esperar até sábado. Lori disse que gostaria de ir ao templo com a família, também.” Sara ficou pensativa. “Por que a família de Lori não vai ao templo para fazer o selamento?”

A mãe sorriu. “Os pais de Lori foram selados no templo quando se casaram, Lori já nasceu selada aos pais. Pronto, terminei.” A mãe levantou-se com muito esforço.

Sara pulou do banquinho para ajudar a mãe, que estava grávida de sete meses e tinha dificuldade para agachar-se e levantar-se. “Por que você e papai não foram selados no templo quando se casaram?”

“Venha aqui, Sara”, disse a mãe, indicando o assento a seu lado no sofá. “Lembra-se quando recebemos as palestras dos missionários, no ano passado?”

Sara fez “sim” com a cabeça. Pouco depois de terem recebido as lições, seus pais foram batizados. Ela lembrou a emoção que sentiu ao ver primeiro o pai e depois a mãe saírem da água. No ano seguinte, ao completar oito

anos, Sara seria batizada pelo pai.

“Antes de conhecermos o evangelho, seu pai e eu nunca tínhamos ouvido falar de templos ou selamento. Depois de nos batizarmos, prometemos a nós mesmos e a você que iríamos ao templo para sermos selados o mais cedo possível.”

“E isso significa que nossa família poderá ficar junta para sempre”, completou Sara.

“Exatamente.”

Abraçando-se à mãe, Sara sentiu uma leve cutucada. Arregalando os olhos, disse: “O bebê me chutou.”

A mãe riu ternamente. “Bebês às vezes fazem isso.”

Sara deu um sorriso, enquanto pensava no bebê. Em dois meses, teria um novo irmão ou irmã. Os pais já haviam começado a pintura de um quarto extra, de um amarelo luminoso, para transformá-lo no quarto do bebê. Seu sorriso desapareceu ao dar-se conta de que não daria para o bebê ir ao templo com a família no sábado. “Mãe, temos que esperar!”

“Esperar o quê, filhinha?”

“O bebê. Não podemos ir ao templo sem ele.”

A mãe de Sara não parecia preocupada. “Depois que seu pai e eu estivermos selados no templo, todo filho que tivermos estará selado à nós também. Isso se chama nascer no convênio.”

Sara franziu a testa, tentando entender o que a mãe dissera. “Então nosso bebê será selado a nós no sábado, mesmo antes de nascer?”

“Isso mesmo.”



ILUSTRADO POR ROGER MOTZKUS

Sara abraçou a mãe. “Eu te amo. E amo o papai e nosso bebê.”

A mãe retribuiu o abraço. “Também te amo.” E, levantando-se, disse: “Vamos. Temos um vestido para terminar.”

No domingo de manhã, Sara estava especialmente

feliz ao sentar-se com os pais na reunião sacramental. Lágrimas escorriam-lhe pelo rosto enquanto cantava com a congregação o hino de abertura: “Uma família tenho, sim! Eles são tão bons pra mim. Quero viver com eles para a eternidade, assim!” * □

* Hinos, 1991, página 191

EZRA TAFT BENSON

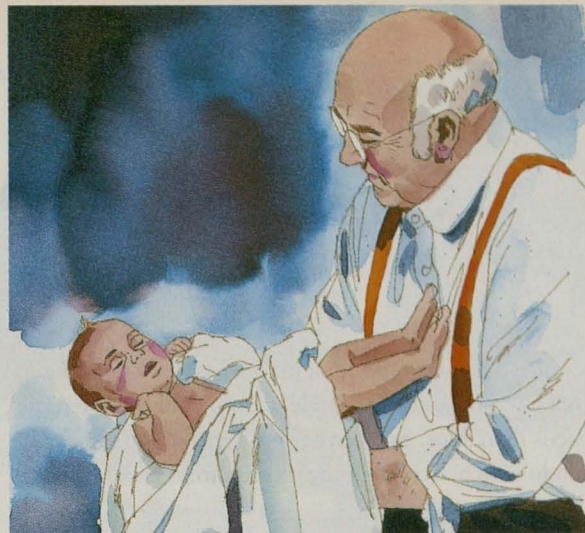
Kellene Ricks Adams

1. Sarah e George Benson ficaram emocionados quando souberam que Sarah teria um bebê. Esse seria o primeiro filho deles.





2. Quando o trabalho de parto começou, em 4 de agosto de 1899, a mãe de Sarah e a de George estavam lá com o médico para ajudar. Sarah estava grata pelo apoio delas.



3. Não foi um parto fácil. O bebê pesava mais de 5 quilos! Ele não estava respirando quando nasceu, e o médico não acreditava que a criança viveria.



4. As avós, contudo, recusaram-se a desistir. Cada uma delas fez uma oração silenciosa. Repetidamente elas mergulharam o bebê em água fria e depois em água quente.



5. Imagine que emoção sentiram quando o bebê respirou pela primeira vez e chorou. Suas orações foram respondidas.



6. A criança recebeu o nome de Ezra Taft Benson e transformou-se em um grande homem. Aos 86 anos, tornou-se o décimo terceiro Presidente da Igreja. □

CHEGUE AO TEMPLO

Corliss Clayton

Encontre o caminho do templo. Siga as setas numeradas e ande na direção indicada, de acordo com o número de espaços marcados. Se houver duas setas no quadrado, cuidado com a escolha—pegar o caminho errado pode

levá-lo de volta ao ponto de partida! Chegar às casas “Oração diária”, “Ajudar a família” e “Leitura diária das escrituras”, irá ajudá-lo a permanecer no caminho que conduz ao Templo. □



ILUSTRADO POR SHALINA MOONEY KAWASAKI

APRENDER COM AS ESCRITURAS: UMA OCUPAÇÃO PARA TODA A VIDA

Nos três primeiros versículos do Livro de Mórmon, o profeta Néfi apresenta-se tanto como discípulo quanto como escritor de verdades do evangelho: “Eu, Néfi, (...) fui, portanto, instruído sobre alguma coisa de todo o conhecimento de meu pai; e (...) havendo adquirido um grande conhecimento da bondade e dos mistérios de Deus (...) Sim, faço um relato (...) e o escrevo de minha própria mão, fazendo-o conforme meu conhecimento” (1 Néfi 1:1-3).

Por ter aprendido a linguagem de seus pais, Néfi pôde ler os registros deles e fazer-nos um relato sobre a comunicação de Deus com seu povo. Assim como Néfi, nós também precisamos desenvolver a capacidade de ler e escrever, para termos acesso pessoal às escrituras.

Infelizmente, nem todos os membros da Igreja têm — ou utilizam plenamente — a imprescindível habilidade de ler e escrever. Por esse motivo, a Presidência Geral da Sociedade de Socorro estabeleceu a meta de fazer com que as irmãs da Sociedade de Socorro em todo o mundo incentivem os membros da Igreja a se alfabetizarem. Para alguns, essa meta significa superar barreiras sociais, culturais e pessoais, a fim de obter noções básicas de leitura. Para outros, significa usar a própria capacidade de leitura para ler as escrituras mais fervorosamente e ajudar outros a fazê-lo.



ILUSTRADO POR NANCY SEAMON CROOKSTON

PODEMOS ALFABETIZAR-NOS NO EVANGELHO E AJUDAR OUTROS A FAZEREM O MESMO

A irmã Mabel Khumalo, professora visitante no Zimbábue, África, ficou preocupada quando uma das irmãs que visitava parou de freqüentar as reuniões da Igreja por sentir-se constrangida por não poder ler as escrituras e os manuais. A irmã Khumalo e sua companheira ajudaram essa irmã a matricular-se num curso de alfabetização no evangelho, disponível por meio da Igreja. Quando soube do curso, ela exclamou: “Irmã Khumalo, é um sonho que se torna realidade!”

Outra professora visitante, a irmã Priscilla Samson-Davis, de Gana, atravessa a cidade de ônibus para visitar uma irmã. “A mulher que visito não sabe ler”, conta a irmã Samson-Davis. “Quando vou lá, leio as escrituras para ela.”

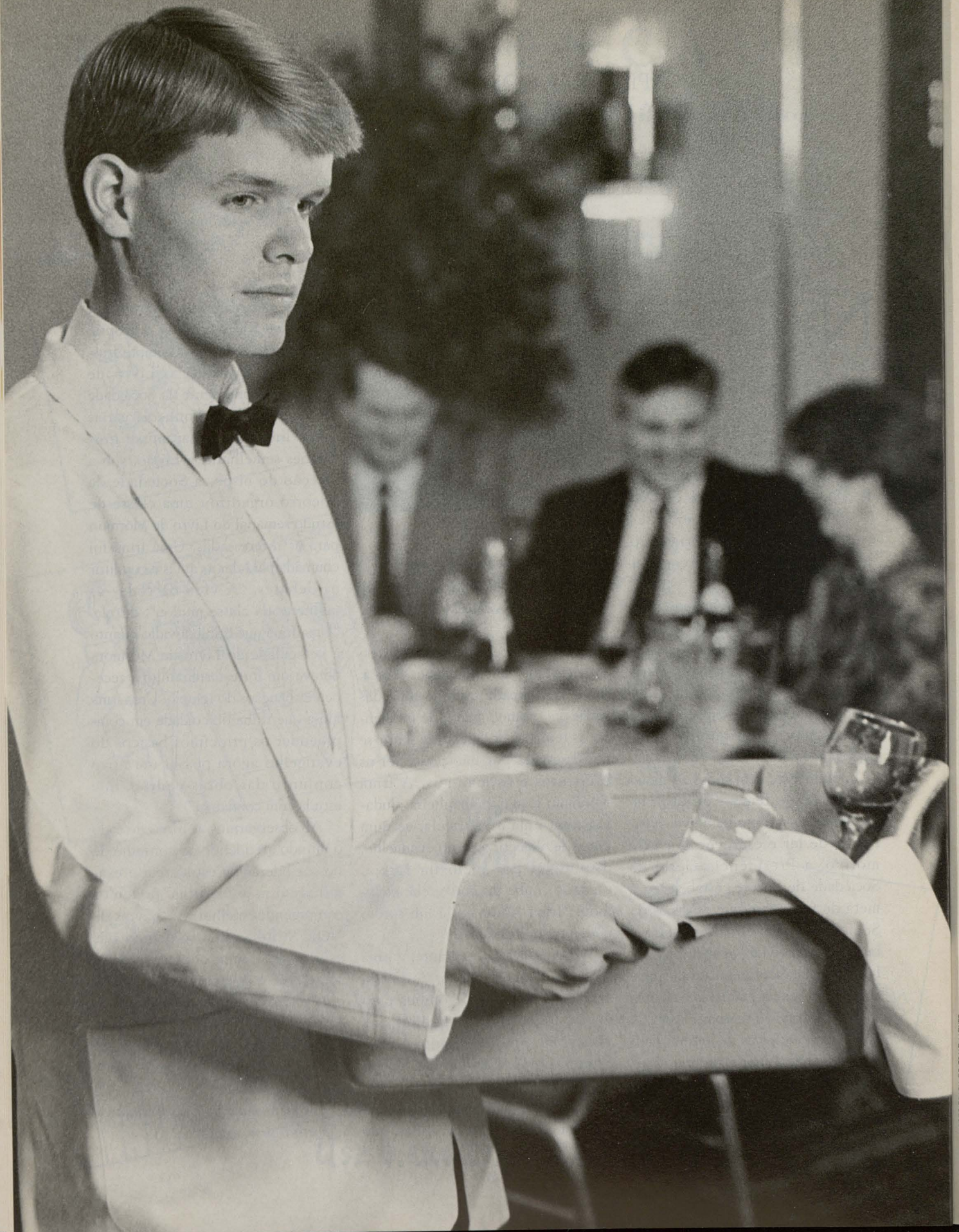
Em Sandy, Utah, uma irmã soube que sua companheira de visitas, que

ficou sem freqüentar a Igreja por vários anos, queria obter o próprio testemunho, mas ficava sempre frustrada ao tentar ler o Livro de Mórmon. A presidente da Sociedade de Socorro da ala conhecia várias outras irmãs que passavam por frustrações semelhantes. Então, sob a direção do bispo, a Sociedade de Socorro organizou uma classe de estudo semanal do Livro de Mórmon para as interessadas. Uma irmã foi chamada para dar as aulas e conduzir os debates. “A vida de todas as mulheres da classe mudou”, diz ela. “Uma irmã que tinha dúvidas quanto à veracidade do Livro de Mórmon, obteve um forte testemunho e recebeu as bênçãos do templo. Uma irmã idosa que tinha dificuldade em compreender os princípios básicos do evangelho agora possui um novo conjunto das obras-padrão, que estuda com confiança.”

Ao observarmos as irmãs de todo o mundo atendendo ao conselho de nossos líderes de estudarem e examinarem as escrituras, podemos compreender melhor as palavras de Néfi: “Minha alma se deleita nas escrituras, e meu coração medita sobre elas, e as escreve para instrução e proveito de meus filhos” (2 Néfi 4:15).

• *Como podemos tornar o estudo das escrituras uma parte mais consistente de nossa vida?*

• *Quem mais podemos ajudar a alfabetizar-se no evangelho?* □



POR QUE NÃO POSSO EXPERIMENTAR FUMAR E BEBER SÓ UMA VEZ?

Por que não devo experimentar fumo e álcool só uma vez, para saber como é realmente? Não o farei novamente. Que mal há, se é uma só vez?

As respostas destinam-se à ajuda e reflexão, não sendo pronunciamentos doutrinários da Igreja.

NOSSA RESPOSTA:

Na realidade, você provavelmente sabe a resposta antes mesmo que seja dada. É melhor não experimentar, ainda que só uma vez, algo que possa tornar-se um hábito destrutivo. Experimentar álcool ou fumo nunca poderá torná-lo mais sábio ou mais forte. Aprenderá melhores lições se agir corretamente.

Caso ceda só uma vez à tentação, essa mesma tentação irá desafiar-lo repetidas vezes. As pessoas não acreditarão quando lhes disser que não fuma nem bebe, saberão que cedeu uma vez e suspeitarão que provavelmente sucumbirá novamente.

Experimentar quando não há ninguém por perto tampouco funciona. Apesar de você provavelmente não desapontar seus amigos, desiludirá a si próprio. A vida pode tornar-se um tanto assustadora se não confiar em si mesmo para tomar as decisões corretas. Ouvimos os líderes da Igreja encorajando-nos a fazer escolhas certas. Por que não reconhecer sua sabedoria e aceitar seus conselhos?

Eis alguns comentários retirados das inúmeras cartas recebidas de leitores de todo o mundo.

RESPOSTAS DE LEITORES:

Você não deve experimentar fumar e beber porque (1) quando foi batizado, tomou a decisão de abandonar os hábitos do mundo; (2) estaria demonstrando ingratidão pelo Pai Celestial e Seu Filho e pela dádiva que é a Palavra de Sabedoria; (3) estaria se prejudicando, tanto física como espiritualmente, ficando vulnerável a outras tentações; (4) um verdadeiro discípulo do Salvador nada faria para prejudicar seu relacionamento com Deus. Pessoalmente, sinto-me feliz em guardar a Palavra de Sabedoria e os outros mandamentos, de modo que nada se interponha entre mim e meu Pai Celestial.



*Martín F. Alama
Sono, 16,
Ala Pueblo Libre,
Lima, Peru
Estaca Madalena*

Todos sabem que o álcool e o fumo são substâncias prejudiciais. As pessoas que fumam ou bebem normal-

mente abandonam o hábito quando sua saúde não vai bem. Já vi muitas pessoas que experimentaram o álcool por diversas razões: por mera curiosidade, para aliviar tensões ou para "esquecer" problemas. Invariavelmente colocam a saúde em perigo e aproximam-se de pessoas indesejáveis em situações indesejáveis.

Em Alma 37:35 lemos o seguinte: "Oh, lembra-te, meu filho, e aprende sabedoria em tua mocidade; sim, aprende em tua juventude a guardar os mandamentos de Deus!" Sendo converso, tenho inveja dos jovens nascidos em famílias fiéis, que foram ensinados a cumprir as leis do Senhor desde cedo na vida. Desejaria ter conhecido a Igreja antes. No entanto, sou grato pelo evangelho de Jesus Cristo e pelos santos que me ajudaram a aprender "sabedoria".



*Lee Sang Rae,
Ramo Kim Hae,
Estaca Pusan Coréia
Oeste*

Meu pai ajudou-me a ver as conseqüências de experimentar algo ainda que "só uma vez".

Ele e eu somos mecânicos industriais. Um dia sugeriu que eu deveria usar uma camisa branca em vez de minhas roupas normais de trabalho. Respondi-lhe que era impossível, que a camisa ficaria manchada de graxa e da poeira das máquinas. "Mas é um

dia só”, respondeu-me meu pai. Mais uma vez protestei, dizendo que seria difícil remover as manchas e a sujeira. Foi quando ele me explicou que experimentar álcool ou fumo “só uma vez” seria como usar uma camisa branca para trabalhar. O álcool e o fumo podem não prejudicar o corpo, disse ele, mas utilizá-los, ainda que só uma vez, prejudicaria o espírito.

O pecado é como a graxa; ele nos mancha e é difícil remover as marcas. O arrependimento é possível, mas nem sempre é fácil. É melhor não pecar nunca, ainda que seja só uma vez ou só um pouquinho.



*Fábio Máximo, 20,
Ala IV de Campinas
Estaca Campinas
Brasil*

Para saber mesmo como é usar tabaco ou álcool, é preciso utilizá-los mais do que só uma vez. É preciso que os usemos diversas vezes para que possamos realmente saber e, neste caso, você pode já estar viciado ao descobrir.

Usar tabaco, álcool (ou qualquer outra droga) só para ter a experiência, é algo tolo. Por que experimentar-los quando sabemos—como todo mundo o sabe—que são prejudiciais? Além do mais, as únicas sensações que teremos da primeira vez são garganta irritada, tosse, tontura,

enjôo ou outras piores, sintomas que constituem a maneira de seu corpo dizer que essas coisas são venenosas.



*Winston L.
Cervantes, 16,
Ala Santa Mesa
Estaca Manila
Filipinas*

Até mesmo o pensamento de se usar fumo, álcool ou qualquer coisa que seja destrutiva é perigoso e nada inteligente. O pensamento é só o primeiro passo, mas é seguido pela ação. Quando se começa a fumar ou beber, é muito difícil parar. Prejudicamos não só a nós mesmos, mas também aos que nos amam.

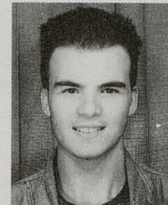
Nosso Pai Celestial ama Seus filhos e Ele o ajudará, se orar para ter forças e resistir à tentação.

*Lea Carta, 15,
Ala I de Colônia,
Estaca Düsseldorf Alemanha*

Não é necessário fumarmos ou bebermos para saber que tais hábitos são prejudiciais. Ao servir como observador nas forças armadas, vi homens que bebiam até passar mal. Bastava vê-los para perceber os terríveis efeitos do álcool. Acho que é possível observar os resultados de tal comportamento sem que seja necessário experimentar por si próprio.

Desde que guardemos a Palavra de Sabedoria e os outros manda-

mentos, saberemos distinguir o certo do errado, porque o Espírito nos guiará.



*Emmanuel
Tomadon, 19
Nancy, França*

Se resolver experimentar o fumo e o álcool “só uma vez”, Satanás tentá-lo-á incessantemente para que o faça outras vezes.

Um dique forte pode conter a maior onda possível, mas uma pequena rachadura pode vir a causar um desmoronamento com o constante golpear do oceano.



*Chen, Shu Hua, 24,
Ramo Tao Yuan Oeste,
Distrito Hsin Chu,
Taiwan (Formosa)*

No tempo em que estava no segundo grau, eu relutava em relacionar-me com qualquer pessoa que fumasse ou bebesse, na escola ou fora dela. Tinha amigos em outras escolas que me convidavam para festas mundanas, mas eu preferia não ir. Em vez disso, preferia ser uma luz ou exemplo para meus amigos, mostrando-lhes que era possível viver no mundo sem fazer parte dele.

Meu exemplo ajudou muitos de meus jovens amigos a tornarem-se missionários e bons líderes da Igreja hoje.

Sempre me lembro que “um grande incêndio começa com uma pequena chama”.



Pomgia Vaka, 21,
Ala III de Havelulotu,
Estaca Nuku'alofa Sul
Tonga

Talvez seja interessante saber os resultados de uma pesquisa que fiz com cerca de cem pessoas de diferentes idades, viciadas em fumar.

Três por cento disseram que fumavam porque todas as pessoas o faziam; onze por cento, porque precisavam de um estimulante; cinco por cento disseram que fumavam porque gostavam; os demais, 81 por cento, disseram que começaram a fumar “por curiosidade”. O que isso quer dizer?

Uma das pessoas em minha pesquisa falou-me do seu desejo de abandonar o vício. “Se eu soubesse desde o início o que me aconteceria, nunca teria posto as mãos num cigarro—nem por curiosidade.” O vício do fumo, acrescentou ela, era “degradante, caro e mortal”.

Se violarmos a Palavra de Sabedoria, seremos afetados não apenas fisicamente, mas nosso espírito também será prejudicado, uma vez

que estaremos quebrando um dos mandamentos de Deus. Pensem em todas as bênçãos prometidas se guardarmos a lei delineada na seção 89 de Doutrina e Convênios.



Rosa Elena Montalvo
Martínez, 20,
Ala Nueva Era
Estaca Reforma
Veracruz México

Compreendo como se sentem. Sou o tipo de pessoa que quer experimentar tudo e lembro-me, há muitos anos, de haver pensado se não deveria experimentar fumar e beber.

Viver os mandamentos, no entanto, é nosso modo de mostrar ao Senhor que somos obedientes a Ele. Ele está ciente de nossas ações de cada dia, e é importante mostrarmos amor por Ele, sendo-Lhe leais.

Shiroe Kuwana, 29,
Hokkaido, Japão

O mundo está cheio de pessoas tristes presas ao álcool e às drogas, que disseram: “Vou experimentar só uma vez”. Quando jovens, às vezes não compreendemos plenamente o evangelho de Jesus Cristo. Assim, em vez de satisfazermos a curiosidade com as coisas do mundo, devemos utilizar nossas energias para melhor conhecermos as escrituras, orar para as compreendermos e seguir a orientação que recebemos

dos líderes da Igreja.

Lembrem-se de que o Senhor prometeu que se guardássemos a Palavra de Sabedoria, “o anjo destruidor os passará (. . .) e não [nos] matará”. (D&C 89:21.)



Maria Eugenia
Ramírez Reyes, 22
Ala Nueva Aurora,
Estaca Viña del Mar
Chile

Torne a seção PERGUNTAS E RESPOSTAS mais útil respondendo à pergunta abaixo. Envie a resposta pelo correio em tempo hábil para que chegue até 1º de novembro de 1994 a QUESTIONS AND ANSWERS “International Magazines”, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah, 84150, U.S.A. Inclua seu nome, endereço, idade, cidade, ala e estaca (ou ramo e distrito). Pode responder em sua própria língua; as respostas serão traduzidas. Se possível, inclua também sua fotografia, que não será devolvida. Caso sua resposta seja muito pessoal ou particular, poderá solicitar que seu nome seja omitido na publicação. Nem todas as respostas serão, necessariamente, utilizadas.

PERGUNTA: Às vezes, estou numa reunião e o orador diz: “O Espírito está tão forte aqui hoje”, e eu não sinto nada. Estarão eles só imaginando coisas ou haverá algo errado comigo? □

A MÃO PROTETORA

Theodorus G. Baalman

ILUSTRADO POR DOUG FAKKEL

Uma longa fila de carros e enormes caminhões aceleravam pela estrada em meio à forte chuva, e os pneus chiavam no asfalto molhado. A água levantada pelas rodas dos caminhões formava uma cortina atrás de cada uma daquelas jamantas velozes. Cada vez que ultrapassávamos uma delas, um aguaceiro bloqueava nossa visão.

Freqüentemente, quando uma longa fila de carros estava a nossa frente, tínhamos que ficar vários minutos ao lado de um daqueles veículos enormes. Tremendo de medo, minha mulher olhava o monstro que tropejava a poucos metros de nós.

Resmungava comigo mesmo por termos saído tão tarde e agora precisarmos apressar-nos em condições de tempo desfavoráveis para chegar no horário a nosso compromisso.

De repente, ouvimos



um ruído misterioso na parte lateral do carro. Era um “clac-clac-clac-clac” parecido com os quatro primeiros compassos da Quinta Sinfonia de Beethoven, dos quais o próprio compositor comentou: “É o destino que bate à porta”. O som se repetia com frequência.

Parei o carro no acostamento e verifiquei os pneus e a lataria, e como não encontramos nada que pudesse ter causado o barulho, continuamos a viagem. Depois de alguns quilômetros, ouvimos o mesmo som novamente. Parei e, mais uma vez, inspecionei o carro. Nada. Ao parar pela terceira vez, porém, encontrei algo: um calombo em um dos pneus que foi crescendo lentamente até ficar do tamanho de um coco!

Quando o mecânico que trocou o pneu inspecionou a parte interna, soltou um assobio. Apesar de o pneu ser novo, ele tinha um enorme rasgo na lona—defeito de fábrica. “Não poderia ter andado nem mais um quilômetro com esse pneu”, disse o mecânico. “Ele teria estourado”.

Tremi só com o pensamento do que poderia ter acontecido se o pneu tivesse estourado enquanto estávamos ao lado de um daqueles enormes caminhões. Naquele dia, nitidamente senti o poder protetor que tão frequentemente pedimos nas orações diárias.

Anos mais tarde, numa noite de temporal, senti a mesma proteção novamente. Éramos um pouco mais velhos e um pouco mais esquecidos. O vento

rugia do lado de fora sacudindo portas e janelas. Do lado de dentro, porém, tudo estava calmo e seguro e dormimos confortavelmente.

Na manhã seguinte, acordamos, fizemos a oração matinal e descemos. Ao chegarmos à cozinha, levamos um susto enorme! Havia um forte cheiro de gás e a porta da cozinha, que normalmente trancávamos bem, estava completamente aberta com o vento entrando. Sem perceber, havíamos deixado o bico do gás aberto no fogão e a porta destrancada. De algum modo, a ventania do temporal abriu a porta. Se ela estivesse fechada, com certeza o gás teria pegado fogo devido à chama-piloto do aquecedor de água, causando uma séria explosão.

Não somos sábios, somos apenas um casal simples lutando para guardar os convênios feitos com o Pai Celestial ao nos casarmos no templo. Sentimo-nos protegidos. Talvez protegidos com muito mais frequência do que percebemos. Com certeza, acreditamos que foi a mão do Senhor que nos salvou duas vezes de uma desgraça. □



O Diário de Meu Inimigo

Stephen G. Biddulph

Por mais estranho que pareça, foi durante a Guerra do Vietnã que descobri o grande segredo de uma vida tranqüila e feliz. Eu estive em combate ininterrupto durante dois meses e estava ficando esgotado, tanto física como espiritualmente. A correspondência vinda de casa raramente era entregue na frente de batalha; tampouco havia reunião sacramental ou qualquer tipo de serviço religioso aos domingos para fortalecer o espírito. Meu único recurso eram minhas próprias orações. Sentia-me isolado e só.

Pouco a pouco, os combates rotineiros e as constantes cenas de morte estavam-me desgastando e endurecendo meu coração. Sentia-me quase como os guerreiros nefitas—sedento do sangue dos inimigos. (Ver Mórmon 3:9.)

Em 9 de julho de 1972, após uma marcha estratégica, meu batalhão estacionou em uma aldeia deserta que fora recentemente atacada. Os barracos ainda fumegavam, iluminados pelos últimos raios de sol. Num campo adjacente, encontramos o corpo de um jovem soldado norte-vietnamita. Ao darmos uma busca em suas roupas à procura de informações militares, olhei friamente para o inimigo.

Encontraram alguns papéis no soldado morto, que foram levados ao comandante. Meu interesse foi despertado ao ouvir que os papéis não continham informações militares, mas eram o diário do morto. Fiquei admirado que o soldado inimigo se desse ao trabalho de manter um diário e fiquei imaginando o que escrevera em suas últimas anotações.

Naquela noite, consegui uma tradução aproximada do diário e as li à luz bruxuleante de uma fogueira.

“Não sei onde estamos. Os oficiais dizem que estamos lutando corajosamente contra os imperialistas americanos que invadiram nosso país. Lutamos com coragem mas nosso equipamento é ruim. Sinto-me solitário. Sinto saudades de minha família que está distante. Fico pensando no que eles estão fazendo. Sinto saudades de casa e anseio por estar de volta às montanhas e caminhar na floresta. Quero ver novamente as flores, os pássaros e os animais em casa.”

Olhei para o papel, aturdido pelas palavras. Não eram palavras de um inimigo, mas sim de uma alma gêmea! Seu povo e o meu enfrentavam-se como inimigos, olhando-se através de um vácuo intransponível

de diferenças culturais, étnicas e políticas. Não éramos, porém, inimigos em espírito. Em outras circunstâncias, poderíamos ter sido irmãos.

De repente, percebi que o Vietnã não era a guerra verdadeira, e que meus camaradas e eu não éramos os verdadeiros guerreiros. A guerra real travava-se primeiramente no céu contra Lúcifer. Na Terra, o inimigo real não eram os norte-vietnamitas, nem qualquer outro povo, mas as forças do mal, não facilmente vistas, que travam uma guerra de ignorância e cativeiro espiritual contra toda a humanidade.

Os verdadeiros guerreiros lutam sob o estandarte de Jesus Cristo. Eles não matam nem destroem, mas curam e oferecem vida—a vida eterna—através dos méritos de Jesus Cristo e do conhecimento de Seu evangelho restaurado.

Naquele dia no Vietnã, sentado próximo ao fogo, descobri que a felicidade e a paz vêm da compreensão do valor de uma alma humana, sem levar em conta as diferenças de raça, credo ou opiniões políticas e de saber-se que somos todos filhos do Pai Celestial. Saber isso significa amar todas as pessoas, mesmo aqueles que nos parecem ser os inimigos. □



Templos e Testemunhos em Tikal

Marvin K. Gardner
FOTOGRAFIA DO AUTOR



Templos majestosos erguem-se em direção ao céu em meio à selva. Os sussurros de povos antigos parecem permear as câmaras, os corredores, os pátios e as íngremes escadas de pedras. Prodígios e mistérios habitam o local.

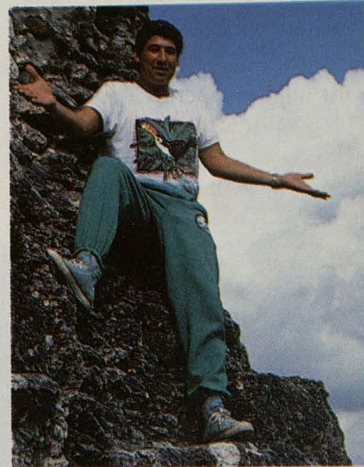
Estamos falando de Tikal, outrora uma próspera cidade maia.

Quando essa civilização desapareceu, Tikal morreu com ela e ficou enterrada sob a vegetação das impiedosas florestas tropicais da Guatemala. Alguns dos palácios e pirâmides de Tikal—juntamente com alguns outros de seus mistérios—foram agora revelados para nosso exame e questionamento.

EM UM LOCAL RETIRADO

Os povos antigos adoravam aqui em Tikal. Hoje, os jovens santos dos últimos dias que moram nas redondezas acham que Tikal é um lugar ideal para simularem a profecia de Samuel, o lamanita, aos nefitas do topo do muro da cidade, ou o





No emocionante cenário de Tikal, a simulação de histórias do Livro de Mórmon parece acontecer espontaneamente—especialmente quando se tem uma platéia atenciosa! A meditação tranqüila também acontece aqui com naturalidade.

sermão do rei Benjamim do pináculo de uma torre, ou ainda o testemunho de Abinádi diante do iníquo rei Noé. Trata-se de um lugar inspirador para falar-se sobre profetas—antigos e modernos. Ou sobre templos—do passado e do presente. Ou ainda sobre verdades—vivas ou enterradas. E ainda sobre vozes proféticas falando do pó.

Em um local retirado, longe dos olhos de outros visitantes, onze moças SUD reúnem-se acompanhadas por líderes e pelo irmão de uma delas. São alunas do seminário e instituto da cidade próxima de San Benito e passaram

a manhã juntas, explorando os segredos de Tikal. Elas viram pavões e linces selvagens pelas trilhas e subiram as imponentes escadas de pedra. ("Deviam instalar elevadores por aqui!" reclamou, com bom humor, uma das moças.) Do topo das antigas estruturas maias, examinaram o horizonte. A floresta tropical se estende como as infinitas ondas do oceano, e o alto dos outros templos antigos sobressaem da vegetação como grandes navios no calmo mar verde.

Foi um dia maravilhoso. Agora, protegidas do sol escaldante pelas sombras de um antigo palácio, as moças se detêm num pátio de pedras para descansar, expressar sentimentos e prestar testemunho. Cantam, baixinho, "Graças Damos, ó Deus, por um Profeta" e uma das moças

oferece a oração.

"Temos sorte em morar nas proximidades deste lugar", uma das moças diz reverentemente. "Ele tinha um significado especial para nossos antepassados." As outras concordam, demonstrando respeito e gratidão pelo legado e pelas lições de Tikal.

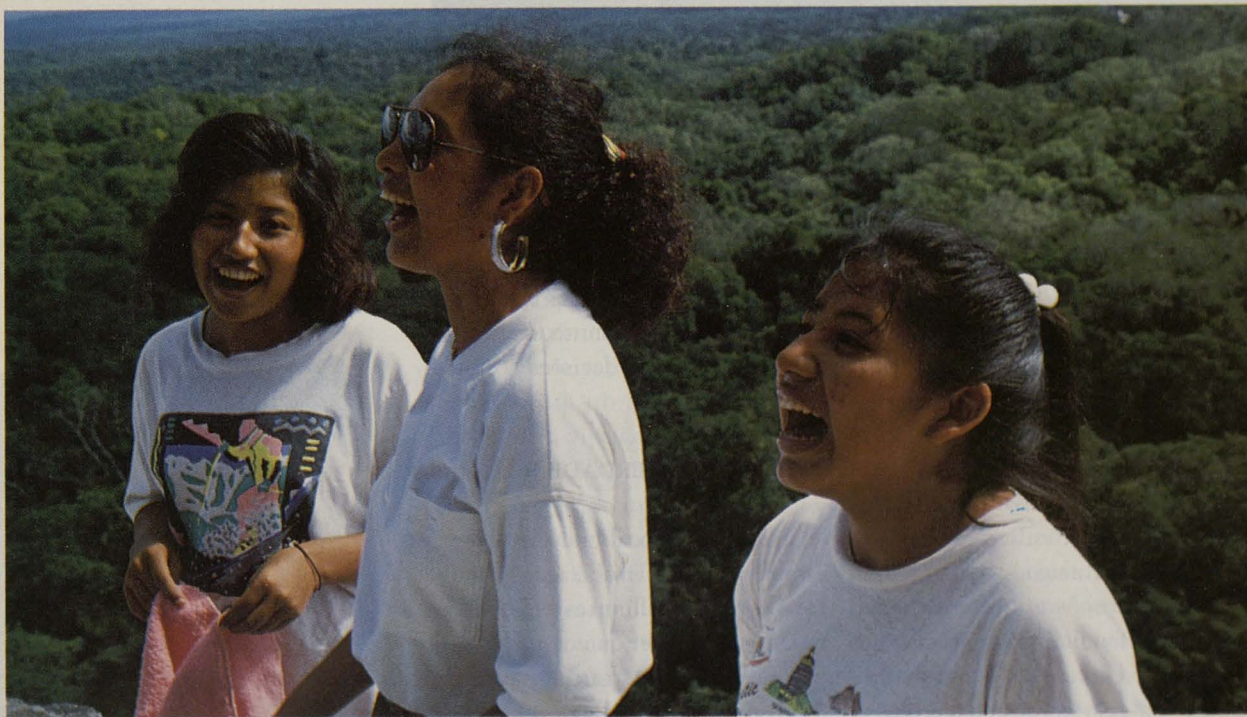
UM OUTRO TEMPLO

Rodeadas pelos templos antigos e inebriadas pela atmosfera do lugar, essas moças SUD são naturalmente levadas a refletir sobre um outro templo de seu país, localizado a muitos quilômetros de distância, na Cidade da Guatemala.

"Há não muito tempo, nossa família teve uma experiência que era

o sonho de uma vida inteira", conta Yeszenia Delvalle, de 18 anos. "Fomos selados no templo e agora esperamos viver como família para toda a eternidade."

Sem exceção, todas as moças do grupo já foram ao templo da Cidade da Guatemala para serem seladas aos pais ou batizadas pelos mortos. Alguns anos atrás, os jovens do ramo fizeram a viagem de quinze horas de ônibus a fim de realizarem batismos. Diz Zoila Delvalle: "Ao sermos batizados pelos mortos, damos a outros a oportunidade de se arrependem e prepararem-se para a ressurreição. Depois, a decisão de aceitar ou não é deles. Sente-se o espírito no templo, sente-se a calma e quase não se deseja ir embora. O templo faz com que nos sintamos pessoas diferentes.



É maravilhoso!”

“Sou grata ao Pai Celestial por pertencer à Igreja e por ter sido selada a meus pais no templo. Conhecer o evangelho é a melhor coisa na Terra e pode levar-nos à vida eterna”, diz Cleily Valdez, de 17 anos.

Rubí Monzón, de 24 anos, que voltou recentemente da missão, é a

Pai Celestial nos deu de tornarmos uma família eterna. Sei que por meio da obediência estarei sempre com minha mãe, meu pai e meus irmãos. Penso muitas vezes em minha mãe e sei que em breve estaremos todos juntos novamente.”

A irmã mais nova de Rubí, Raquel, de 22 anos, lembra-se que ela e outros familiares receberam a



professora do seminário. “Minha mãe morreu quando eu tinha 14 anos”, conta-nos ela. “Foi muito difícil para minha família. Frequentemente, encontrava-me sozinha em casa, sentindo-me solitária. Uma ocasião em que estava chorando, ouvi uma voz dizendo-me que eu não estava sozinha, que o Senhor estava comigo e me ajudaria. Era uma voz tranquilizadora e fez com que me sentisse bem. Desde aí, sinto-me em paz, sabendo que o Senhor me ama e estará sempre comigo.”

Três anos após a morte da mãe, Rubí e sua família foram seladas no templo da Cidade da Guatemala. “Sou grata pela oportunidade que o

bênção patriarcal quando foram à Cidade da Guatemala para serem selados no templo. “Minha bênção ajudou-me bastante. Ela menciona que através da oração, do estudo das escrituras, do jejum e dos conselhos de minha mãe enquanto vivia, sou capaz de tomar as decisões corretas e ser fiel à Igreja.”

“O DEUS VERDADEIRO”

Exceto pelo local onde se realiza, essa reunião de Tikal é igual a muitas outras semelhantes em todo o mundo, onde quer que os santos dos últimos dias se reúnam para demonstrar gratidão e

prestar testemunho. Os sentimentos e as lágrimas fluem com facilidade quando as moças agradecem a um Pai Celestial amoroso pelo Salvador e Seu Sacrifício Expiatório, pelos profetas vivos e pela Restauração.

“Sei que o Pai Celestial nos mandou à Terra com um propósito”, diz Karla Monzón, de 17 anos. “Sou grata por Ele ter enviado Seu Filho para expiar nossos pecados. Ele deu-nos o evangelho e a Igreja de modo que pudéssemos progredir e voltar à Sua presença”.

“Agradeço ao Pai Celestial por dar-me a oportunidade de conhecer o evangelho”, diz Olinda Menéndez, de 24 anos. “Sei que se lermos as escrituras e orarmos, Seu Espírito estará mais próximo de nós.”

“Sei que o Livro de Mórmon é verdadeiro”, diz Judith Monzón, de 20 anos. “Ele é um instrumento nas mãos do Senhor.”

“Fiquei feliz quando meus pais, meu irmão e eu fomos selados no templo”, diz Juanita León, de 12 anos. Ela explica que seu pai era





proprietário de um restaurante e que bebia muito. “Então, um dia, um rapaz falou com meu pai sobre a Igreja. Recebemos todas as palestras e fomos batizados duas semanas mais tarde. Um mês após o batismo, meu pai foi chamado como presidente do ramo de San Benito. Um ano mais tarde, fomos selados no templo. Meu pai não bebe mais!”

Juanita é também grata pela oração: “Quando estive doente, orei e orei e o Senhor me confortou. Sei que Ele é o Deus verdadeiro e oro para que eu seja fiel.”

VOZES DOS SANTOS VIVOS

Enquanto esses santos dos últimos dias cantam, oram e dão testemunho, o Espírito do Senhor penetra todos neste canto sereno de Tikal. É como se estivessem no templo.

Chega a hora do piquenique e de brincar de esconde-esconde na floresta. Em dado momento, caem

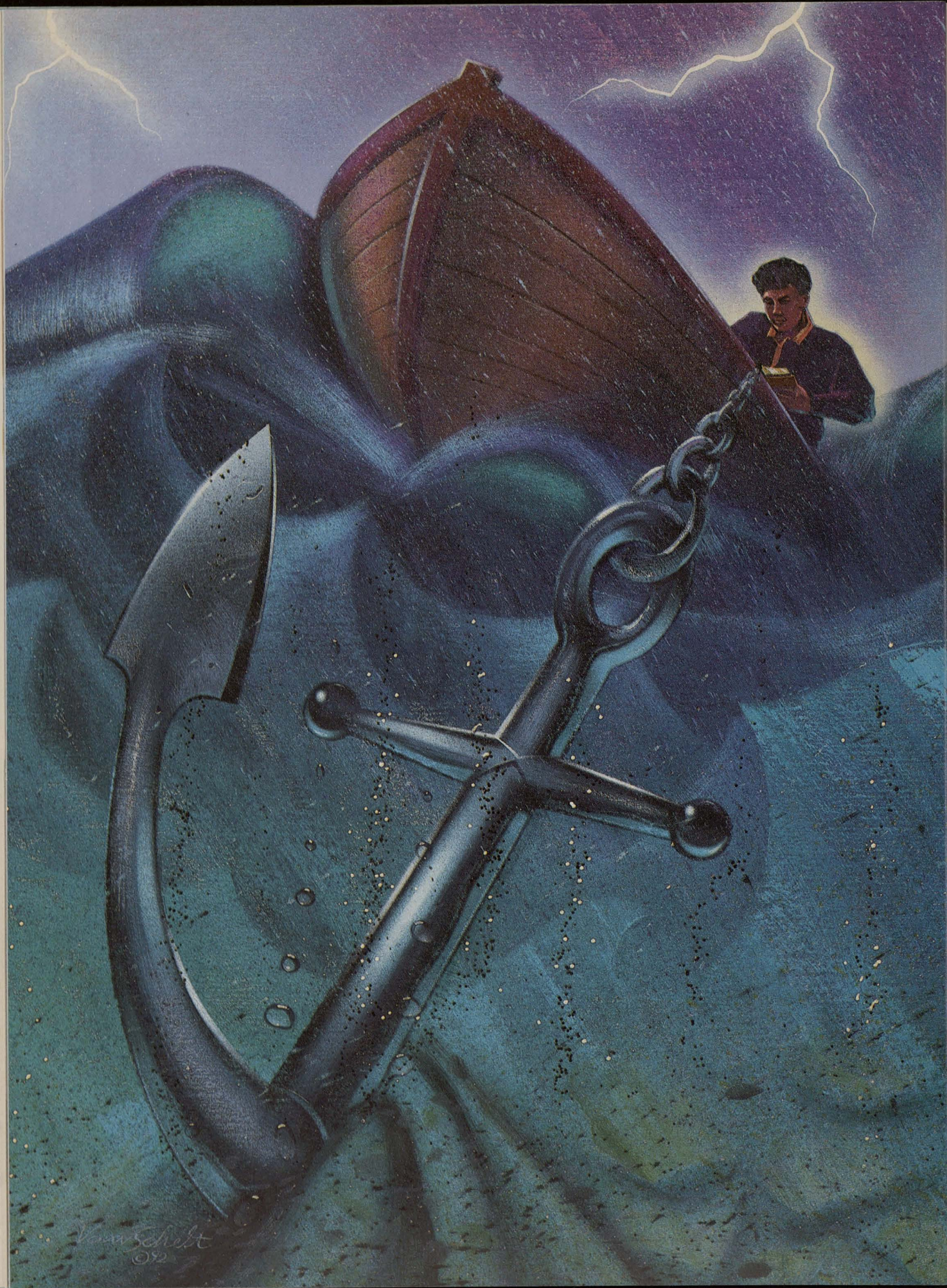
algumas folhas sobre o grupo e um ruído parece vir do alto como se fossem palmas e beijos. Olhando para cima, as moças avistam um grupo de macacos pendurados nos galhos altos pela cauda. Em meio a gargalhadas, elas se juntam aos macacos batendo palmas e fazendo sons como se fossem beijos. Um dos macacos atira algo ao chão. É uma semente de uma das árvores tropicais com marcas dos pequenos dentes do macaco!

Ao se prepararem para ir embora, um espírito tranqüilo e ao mesmo tempo solene retorna. Muitas perguntas ficam no ar a respeito de Tikal: Quem viveu e adorou aqui na antigüidade? O que sabiam a respeito de Deus, do universo e do significado da vida? O que aconteceu a pais e mães, maridos e esposas, filhos e filhas? Os magníficos templos de Tikal estão vazios e existe certa tristeza, um sentimento de que em alguma época, povos outrora

Depois de subir ao topo de diversos templos maias da antigüidade, é bom poder descansar em um pátio isolado e expressar sentimentos e impressões. A professora do seminário, Rubí Monzón (abaixo) dirige o grupo cantando um hino e lidera uma reunião de testemunho.

grandiosos encontraram aqui o seu destino final.

Mas fé e esperança, em lugar de tristeza, acompanham esse grupo de moças. Elas sabem que o templo na Cidade da Guatemala—bem como outros templos da Igreja por todo o mundo—estão cheios de santos vivos. São lugares de luz, verdade e respostas e estão vivos com o Espírito do Senhor. Dentro de suas paredes, pais, mães, filhos e filhas SUD adoram a um Deus vivo com alegria, aprendem a respeito do significado da vida e são selados como famílias para toda a eternidade. □

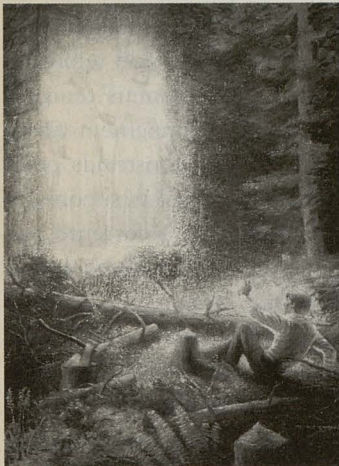


Perry Van Schelt
09

ÂNCORA PARA A ALMA

Élder M. Russell Ballard

Do Quórum dos Doze



Alguma vez já observaram um grande navio levantar âncora? É fascinante ver e ouvir as pesadas correntes arrastando-se ruidosamente na proa metálica do navio enquanto se abaixa ou levanta a âncora. Se ela estiver corretamente assentada no fundo do mar, consegue prender um navio gigantesco, mesmo em mar bravio.

Do mesmo modo que os navios precisam de âncoras que os impeçam de ir à deriva em mar aberto, as pessoas precisam de âncoras espirituais para permanecerem estáveis e

não serem levadas para o mar da tentação e do pecado. A fé em Deus e em Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo, é a âncora principal que devemos ter em nossa vida para nos mantermos seguros durante a época de turbulência social e iniquidade que parece estar em toda parte atualmente. Para que seja significativa e eficaz e para que nos mantenha firmes, nossa fé deve ser centrada em Jesus Cristo, Sua vida e Seu Sacrifício Expiatório e na restauração de Seu evangelho na Terra nos últimos dias.

Falei recentemente a um grupo de missionários em perspectiva. Muitos, dentre os rapazes e moças, tinham decidido cumprir uma missão de tempo integral, mas outros não tinham certeza se deveriam aceitar o chamado. Falei-lhes que não precisavam decidir naquela mesma noite se iriam para a missão. Disse-lhes, porém, que precisavam decidir se Joseph Smith havia ou não se ajoelhado na presença de Deus, o Pai, e do filho, Jesus Cristo, “na manhã de um lindo e claro dia, nos primeiros dias da primavera de mil oitocentos e vinte” (Joseph

Smith 2:14). Ouvi as palavras do próprio Joseph:

“Depois de haver-me retirado para o lugar que havia escolhido previamente, tendo olhado em meu redor, e encontrando-me só, ajoelhei-me e comecei a oferecer o desejo de meu coração a Deus. Apenas fizera isto, quando fui subitamente subjugado por uma força que me dominou inteiramente, e seu poder sobre mim era tão assombroso que me travou a língua de modo que não pude falar. Intensa escuridão envolveu-me e pareceu-me por algum tempo que estivesse destinado a uma destruição repentina.

Mas, empregando todas as minhas forças para pedir a Deus que me livrasse do poder desse inimigo que me tinha subjugado, e no momento exato em que estava prestes a cair em desespero, abandonando-me à destruição—não a uma ruína imaginária, mas ao poder de algum ser real do mundo invisível, que tinha tão assombroso poder como jamais havia sentido em nenhum ser—justamente neste momento de grande alarma, vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao do

sol, que gradualmente descia até cair sobre mim.

Logo após esse aparecimento, senti-me livre do inimigo que me havia sujeitado. Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiavam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um Deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: "Este é o Meu Filho Amado. Ouve-O." (Joseph Smith 2:15-17.)

Se isso aconteceu a Joseph, então a questão de se esses missionários em perspectiva devem sair em missão ou de se devem guardar os mandamentos do Senhor com fidelidade, já está respondida, não está? Se alguém sabe, mas sabe *mesmo*, que o Pai Celestial e Seu Filho Amado, Jesus Cristo, apareceram e falaram a Joseph Smith como ele o afirma, o resultado natural desse conhecimento deve despertar um forte desejo de servir a Deus e a Seu Santo Filho durante todos os dias de sua vida.

Nada é mais notável ou importante na vida do que saber que Deus, nosso Pai Eterno e Seu Filho, Jesus Cristo, falaram mais uma vez dos céus e chamaram profetas e apóstolos para ensinar a plenitude do evangelho eterno mais uma vez na Terra. Saber isso é magnífico e, quando se sabe

disso, o conhecimento afeta a vida.

Raciocino do mesmo modo a respeito da restauração do Sacerdócio Aarônico, através de João Batista e do Sacerdócio de Melquisedeque, através de Pedro, Tiago e João. Sejamos claros a esse respeito: ou o sacerdócio de Deus foi restaurado ou não o foi. Quando sabemos que o foi, a âncora espiritual está firme contra as turbulências e tempestades da vida.

De maneira semelhante, ou o Livro de Mórmon é ou não é a palavra de Deus e é ou não é um outro testamento de Jesus Cristo. A questão é simples e, ao mesmo tempo, muito profunda. Se o Livro de Mórmon é, na verdade, a palavra de Deus, como testifico que é, então a questão de se devemos ou não aplicar seus princípios e ensinamentos em nossa vida já está resolvida, não está?

O mesmo teste simples aplica-se aos profetas e apóstolos vivos hoje. O Presidente Ezra Taft Benson é ou não é um profeta de Deus, em todos os sentidos, em todos os modos.

Vocês sabem como descobrir por si próprios se estas coisas são verdadeiras porque entendem o primeiro princípio do evangelho. Como têm uma âncora de fé no Senhor Jesus Cristo, compreendem que devem orar para receber testemunho

pessoal e que o Espírito Santo "vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenha dito" (João 14:26).

Imaginem que um belo barco à vela tenha sido construído com os melhores materiais e sido reforçado e preparado para o mais tempestuoso dos mares. Imaginem que a âncora tenha sido construída pelos melhores artífices. Mas suponham que, por distração, a corrente que prende a âncora fosse de qualidade inferior e fraca. Não é difícil visualizar o que aconteceria a primeira vez que a âncora fosse baixada, ou a primeira vez que uma onda forte tentasse arrastar o barco ancorado para o mar. Se qualquer elo da corrente da âncora se partisse, a âncora ficaria enferrujando no fundo do mar, e o barco ficaria à deriva e talvez fosse destruído.

A comparação com nossa vida é simples. Os elos em nossa corrente de fé e testemunho que possibilitam a nossa âncora pessoal manter-nos a salvo e em lugar seguro são as doutrinas simples e os ensinamentos do evangelho. Por exemplo, podem perceber o valor do elo do evangelho que é a oração pessoal? Agradecer ao Pai Celestial pelas bênçãos os ajudará a ficarem a salvo. Orem e peçam a ajuda de que precisam, educação, carreira e relacionamentos.



Percebem que outro elo da corrente é a Palavra de Sabedoria? Ao viverem fielmente a lei de saúde do Senhor, esse elo da corrente os ajudará a manter seu corpo físico forte e a achar “sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, até mesmo tesouros ocultos” (D&C 89:19) que os ajudará a serem mais firmes na Igreja.

Outro elo é a lei do dízimo. Pagar o dízimo integralmente não é questão de dinheiro, e sim de fé. Podem pagar o dízimo integralmente a despeito de sua renda se desenvolverem a fé para fazê-lo. O Senhor certamente “abrirá as janelas do céu” conforme prometido àqueles que obedecem a esse mandamento.

O que dizer dos elos de honestidade, pureza moral, serviço ao próximo, freqüência às reuniões da Igreja e estudo das escrituras, só para mencionar alguns? Estes elos da corrente do evangelho podem parecer elementares, mas são tão importantes quanto a própria âncora da fé e do testemunho. Lembrem-se de que uma corrente não é mais forte que seu elo mais fraco. Devemos diariamente examinar nossa própria corrente pessoal

para ancorar nossa alma no evangelho e verificar se temos algum elo fraco que nos torne vulneráveis às influências do demônio.

Um modo de manter fortes todos os elos é tomar o sacramento a cada semana. Como sabem, o sacramento é uma renovação e um lembrete de nossos convênios com o Senhor. Que excelente momento para reflexão sobre nossa vida durante a semana anterior! Façam do sacramento um momento de revisão da corrente pessoal do evangelho e verifiquem se cada elo está à altura da tarefa de ancorá-los firmemente na Igreja.

Sua corrente pessoal que ancora a alma ao evangelho pode ser tão forte quanto quiserem. Sejam gratos pelo princípio do arrependimento, que proporciona o meio pelo qual podemos fortalecer quaisquer elos fracos em nossa corrente. Se sabem que estão ancorados ao Senhor Jesus Cristo, mas ainda assim sentem que as provações da vida são maiores do que podem suportar, encontrem paz e força no conhecimento de que a cada dia fizeram o melhor para reverenciar ao Senhor.

Os elos em nossa corrente de fé—as doutrinas simples do evangelho—possibilitam à nossa âncora pessoal manter-nos a salvo e em lugar seguro.

Lembrem-se de que o processo de fortalecer o testemunho se estende por toda a vida. Busquem o Senhor quando necessitarem de força. Concentrem-se em um elo de cada vez e fortaleçam-no até que se sintam firmemente ancorados, a salvo e em lugar seguro, ao evangelho de Jesus Cristo. □

ENCONTREI MEUS ANTEPASSADOS

Yara Cassab Deloroso

Ao assistir à conferência da estaca naquela manhã de março de 1993, não tinha idéia de como minha vida—bem como a vida de meus antepassados—seria afetada.

Junto com outros membros da Estaca Santos Brasil, eu apreciava a conferência. Quase no final da reunião, o discurso de uma irmã tocou-me sobremaneira. Ela falou a respeito da obra de história da família.

Minha amiga, Silmara Peres, também ficou bastante sensibilizada pelo Espírito. Ao final da reunião, dirigimo-nos a um dos encarregados de história da família da estaca e nos oferecemos para ajudar no programa de extração de registros.

Na terça-feira seguinte, nós duas fomos à capela da estaca para dar início a nossa designação. Depois de receber o treinamento, começamos a extrair nomes e datas dos registros microfilmados, para que as ordenanças salvadoras do evangelho fossem realizadas no templo para as pessoas cujos nomes se encontravam nos registros.

Já havia uma pessoa trabalhando com um rolo de microfilme. Ele gentilmente nos deixou continuar o rolo que já iniciara, para que pudéssemos trabalhar imediatamente.

Apenas começáramos—tínhamos extraído somente dois nomes—quando me deparei com o nome de meus bisavós! No princípio, fiquei em dúvida. Seria coincidência? Perguntamos à supervisora de que cidade procediam os registros microfilmados. Vendo como estávamos agitadas, ela voltou o microfilme para o início onde havia o nome da cidade: Itirapina.

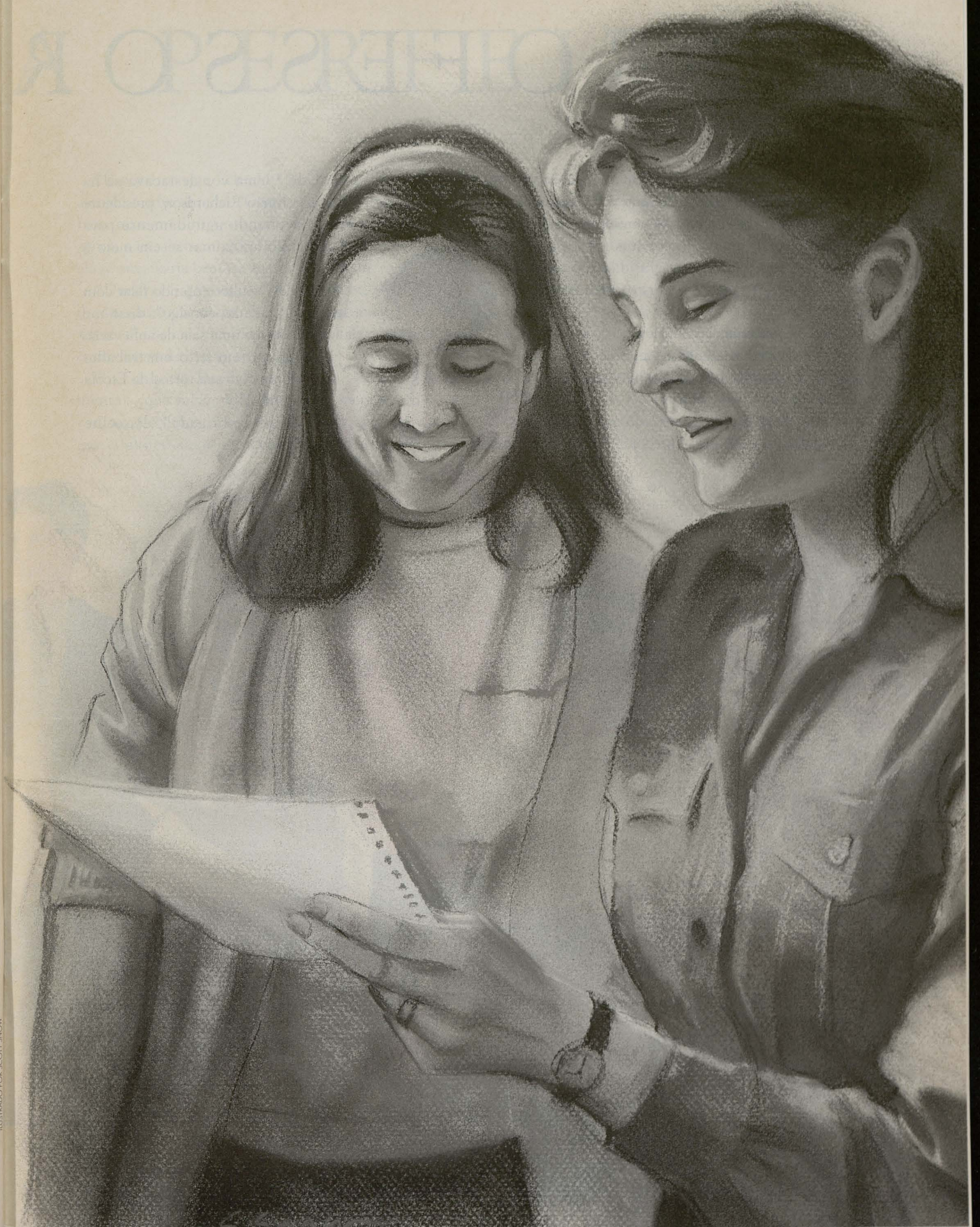
Silmara e eu nos olhamos espantadas. Em recente viagem de férias com o bispo e sua família, visitáramos Itirapina. Eu desejava visitar a cidade porque era o local de nascimento de meu pai. Agora, ao olharmos os nomes e datas no microfilme, sabíamos que havíamos encontrado meus antepassados! Fiquei emocionada, agradecida e senti um grande testemunho. Podia agora realizar as ordenanças do templo por eles.

Desde esse dia, Silmara e eu continuamos a fazer desse trabalho uma parte de nossa vida e nosso testemunho cresceu. Todas as semanas, vamos à capela da estaca para trabalhar. Ao extrairmos nomes dos microfilmes, sabemos que estamos servindo ao Senhor porque agora essas pessoas podem ser batizadas e receber as ordenanças do templo.

Descobrimos que isso não é um serviço e sim uma bênção. □

OFERTAS DO R

... e de ...
... e de ...
... e de ...
... e de ...
... e de ...
... e de ...
... e de ...
... e de ...
... e de ...
... e de ...



ILUSTRADO POR SCOTT SNOW

A PROFESSORA

Wendy Evans Udy

Jason, de quatorze anos, fez a oração de encerramento de nossa aula da Escola Dominical. Havia sido uma de minhas melhores aulas e mantive os olhos fechados durante mais alguns momentos para acrescentar minhas próprias palavras de gratidão. Os meninos levantaram-se das cadeiras e vagarosamente se dirigiram para fora da sala.

Ao passar por mim, Jason parou. "A aula foi muito boa, irmã Udy. Ela realmente me fez refletir".

Sorri. "Obrigada, Jason. Também gostei da aula hoje. Até a próxima semana".

Guardei o livro de aulas e as escrituras e dirigi-me ao saguão, passando pelo corredor cheio.

"Irmã Udy! Irmã Udy!" Uma voz destacava-se na confusão. Virei-me e vi o irmão Richardson, presidente da Escola Dominical, acenando agitadamente para mim e tentando aproximar-se em meio à multidão.

"Irmã Udy, venho tentando falar com a senhora, mas não consigo", disse-me ele indicando-me uma sala de aula vazia.

"A senhora tem feito um trabalho excelente com sua turma da Escola Dominical".

"Muito obrigada", disse-lhe sorrindo.



A PERFEITA

“É por isso que achamos poder dar-lhe mais uma aluna”, continuou ele. “Como a senhora sabe, a família Housman mudou-se recentemente para a ala e, até agora, não sabemos onde colocar Deedra. Achamos que ela se encaixaria bem em sua turma.”

“Deedra?”, gaguejei. “Mas ela tem, pelo menos, dezoito anos. Será que ela não ficaria melhor com os adultos” *Ou na Primária?*—pensei. *Em qualquer lugar, exceto em minha classe.*

Eu conhecia Deedra—sabia que tinha problemas mentais, que falava alto durante o sacramento e que cantava os hinos com toda força dos pulmões. Sabia que algumas meninas caçoavam dela. Os meninos

ignoravam-na completamente. O que essa moça de dezoito anos tinha em comum com uma alegre turma de meninos de quatorze e quinze anos?

“Sabe que não há outra moça em minha turma neste ano”, disse ao irmão Richardson. “E os meninos são um pouco agitados, às vezes. Não lhe parece que Deedra pode encaixar-se melhor em outra turma?”

Ele deu um sorriso tranquilizador e disse gentilmente: “Não, não. Achamos que a senhora será a professora perfeita para Deedra”. Olhou-me esperançoso e acrescentou: “Naturalmente, a decisão é sua”.

Suspirei e disse: “É claro que Deedra pode ficar em minha turma”.



O irmão Richardson ficou radiante e disse: "Vou dizer aos pais dela. Ela estará lá no próximo domingo."

Sabia que ela estaria. Deedra jamais faltava. Fiquei desanimada ao pensar a respeito da lição que já estava preparando para o domingo seguinte. Como poderia manter o interesse dos meninos se ao mesmo tempo precisava ensinar em um nível que Deedra pudesse acompanhar? Os meninos estavam acostumados a muitas perguntas e debates das escrituras e Deedra nem sabia ler.

Talvez ela não goste da aula. Era a idéia que eu acalentava. *E aí vão perceber que minha turma não é adequada para ela.*

Amanheceu um lindo domingo, mas nem a beleza do dia conseguia animar-me. Minhas orações foram superficiais—não pude concentrar-me nelas.

Após a abertura da Escola Dominical, corri para minha sala. Deedra já estava lá, com seus óculos meio tortos sobre o nariz sardento. Ela sorriu para mim assim que me viu. "Oi, amiga", disse-me, cambaleando em minha direção para abraçar-me. "O que posso fazer para ajudar?"

Fazendo um esforço, sorri e disse-lhe: "Pode ajudar-me a arrumar as cadeiras em um grande círculo. É assim que gosto da sala".

Ela estava ocupada com as cadeiras quando os meninos entraram. Olharam para ela com certa cautela. "Aqui", disse Deedra apontando para Jim. "Sente-se aqui, amigo." Colocou a cadeira no lugar e Jim sentou-se. Então mostrou o lugar onde queria que cada um deles se sentasse. A seguir, sentou-se de frente para eles e sorriu para mim, dizendo: "Fiz um bom trabalho?"

"Sim . . . obrigada", respondi-lhe. Apresentei-a aos rapazes, que se continham, e dei início à lição.

Deedra manteve-se quieta enquanto eles respondiam às perguntas. O debate ficou mais animado quando o grupo tentava determinar a função de cada um dos membros da Trindade.

"E o que Jesus faz?" perguntei finalmente a Deedra.

Ela levantou a cabeça e respondeu: "Ele me ama".

Detive-me por um instante, assombrada. "Está certa.

Ele a ama". Reduzi o ritmo da lição e fiz mais perguntas a Deedra, que respondia de maneira simples, mas com precisão absoluta. Ela sabia as coisas que realmente importavam. Indiquei aos rapazes que as respostas estavam corretas, ainda que não fossem as que esperávamos. A aula chegou ao fim antes que percebêssemos, e Deedra deu-me um abraço ao sair. Desta vez, abracei-a também.

Não posso dizer que foi fácil dar aula nas semanas seguintes. Deedra ficava entediada com freqüência e os meninos, às vezes, ficavam impacientes. Aos poucos, porém, eles foram se habituando e começaram a fazer brincadeiras amigáveis com Deedra, que lhes respondia à altura.

"Quero sentar-me ao lado de Jim", anunciou Deedra certo domingo. As orelhas de Jim se avermelharam quando os meninos zombaram dele, mas ele afavelmente lhe indicou o lugar a seu lado. Depois desse dia, Deedra sempre se sentava com os meninos e não mais de frente para eles. Aquele que fosse seu escolhido da semana, dividia as escrituras com ela e fazia parte de sua equipe caso houvesse algum jogo durante a aula. Ninguém jamais reclamou. Deedra agora fazia parte da turma como todos os outros.

O mês de janeiro estava chegando e a maior parte da classe estaria passando para outro nível. Procurei o irmão Richardson.

"O senhor gostaria que ela ficasse em minha classe durante mais um ano?", perguntei-lhe.

O irmão Richardson sorriu delicadamente e disse-me: "O seu trabalho com Deedra foi muito bom, mas já falei com ela e com seus pais e achamos que ela está pronta para seguir em frente".

Fiquei decepcionada. Não havia percebido como aprendera a amar Deedra, sempre animada e sempre pronta a abraçar-me. "Sentirei falta dela", disse com sinceridade.

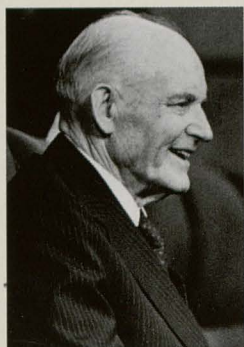
"Eu lhe disse que seria a professora perfeita para ela", disse irmão Richardson.

"Não", respondi-lhe mansamente. "Eu aprendi a lição este ano. Deedra foi a professora perfeita." □



Elias, o Profeta, Levado num Carro de Fogo, por Giovanni Battista Piazzetta

"Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que te faça, (. . .) E disse Eliseu: Peço-te que haja porção dobrada de teu espírito sobre mim. E disse: Cousa dura pediste; se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará, (. . .) E sucedeu que, indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho." (II Reis 2:9-11.)



Deus atua principalmente pela persuasão, paciência e longanimidade, e não pela coerção e confronto violento. Ele sempre age com infalível respeito à liberdade e independência que possuímos. Ele quer ajudar-nos e solicita a oportunidade de ajudar-nos,

mas nunca violando nosso arbítrio. (...)

Cancelar e, em última instância, proibir nossas escolhas era o plano de Satanás, não de Deus; o Pai de todos nós simplesmente jamais o fará. Estará, porém, ao nosso lado para sempre, ajudando-nos a enxergar o caminho reto, fazer a escolha certa, responder à verdadeira voz e sentir a influência do seu incontestável Espírito. Sua persuasão gentil, pacífica e poderosa para fazer o certo e encontrar alegria estará conosco “enquanto durar o tempo, enquanto subsistir a terra e houver no mundo um homem para ser salvo” (Morôni 7:36).

—Presidente Howard W. Hunter

